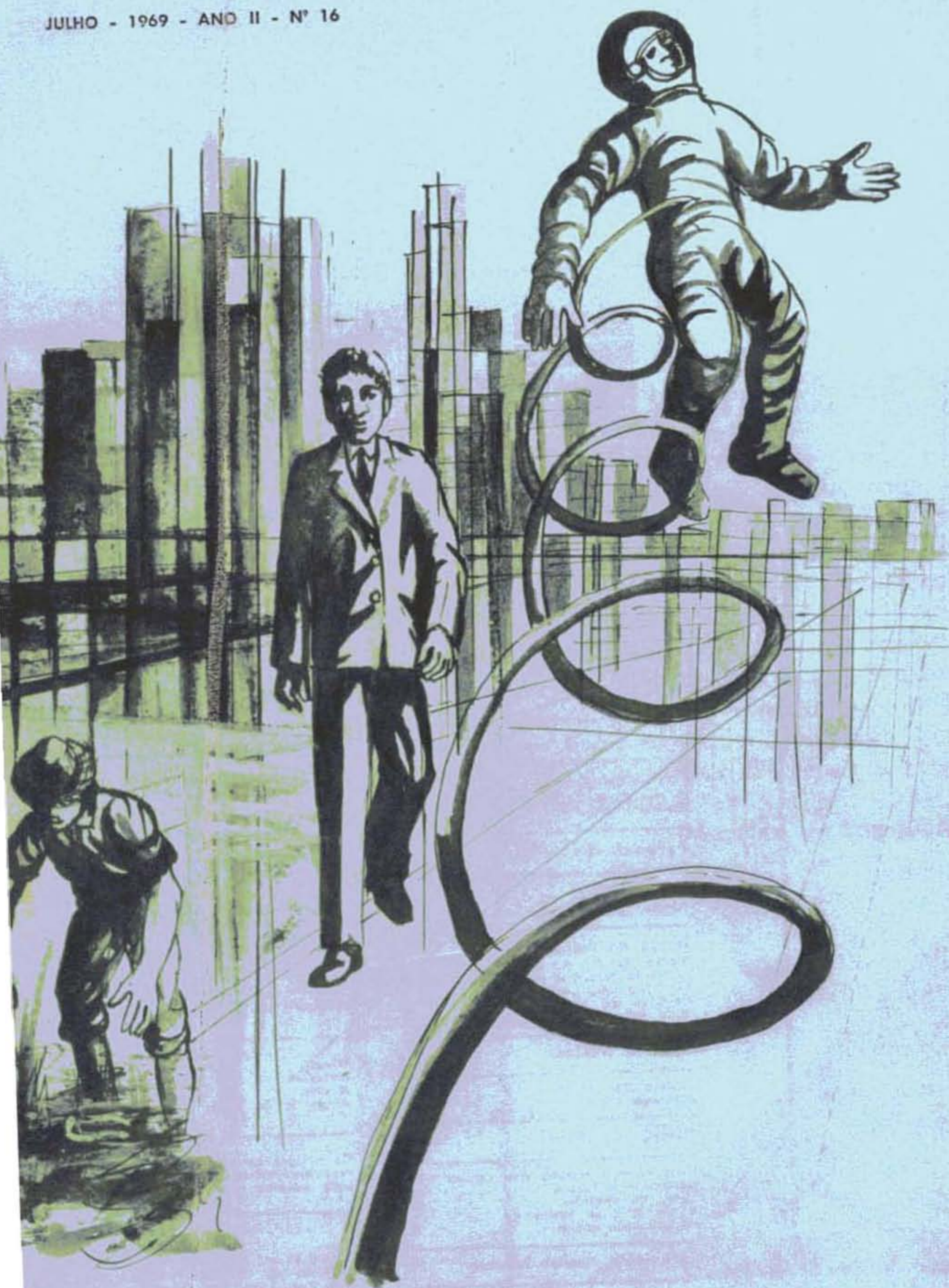
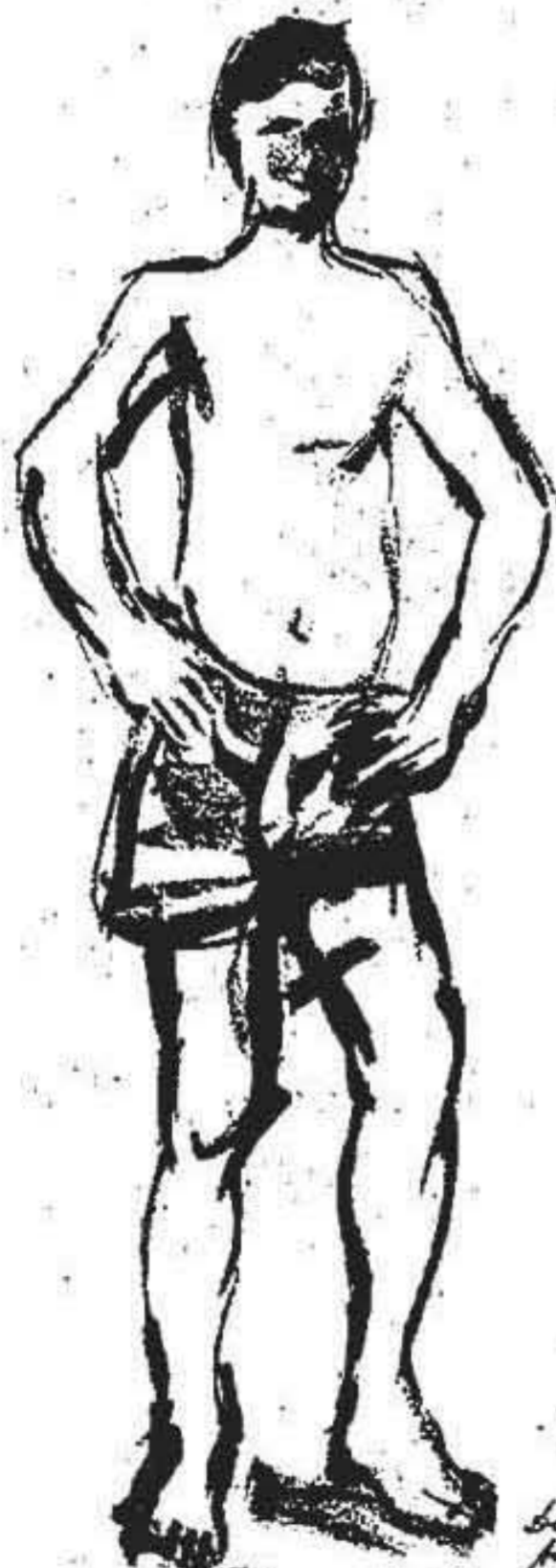


# CONVERGÊNCIA

JULHO - 1969 - ANO II - Nº 16



## ÍNDIOS, CABOCLOS, HOMEM BRASILEIRO



Após vinte séculos de evangelização no Extremo Oriente, os missionários se achavam preocupados com o relativo fracasso de seus esforços, com a estagnação das comunidades por eles fundadas, com os poucos resultados alcançados e com os obstáculos incessantemente levantados contra a sua pregação. E' que ficara lamentavelmente esquecido um princípio elementar, pôsto em prática nos primórdios do cristianismo: o *evangelho* é um fermento que deve inserir-se de maneira viva nas massas humanas. A adaptação ao ambiente, a aculturação, a inserção no contexto humano a que se dirige é a lei fundamental, indispensável a seu pleno êxito: "A Igreja deve fomentar e elevar tudo aquilo que se encontra de verdadeiro, de bom e belo na comunidade humana" (*Gaudium et Spes*, n. 9).

Isto era eloqüentemente proclamado nos primeiros séculos cristãos. Foi mesmo o tema central da primeira grande assembleia de definição da fé e de seus métodos pastorais, no chamado Concílio de Jerusalém, narrado pelos Atos dos Apóstolos. Trata-

va-se de saber se era ou não necessário *judaizar* os helenos. A resposta, após a intervenção de Paulo, o apóstolo dos gentios, foi firme e peremptória: não se deve colocar entraves à liberdade do *evangelho*.

Dezessete séculos mais tarde, a mesma questão era novamente colocada por ocasião das famosas querelas a respeito dos ritos chineses e dos ritos malabares. Desta vez, a resposta não foi tão clara nem tão decisiva. O estreitamento das perspectivas então verificado foi, sem dúvida, a causa da rigidez ou da timidez das atitudes dos missionários católicos e explica, em parte, os seus insucessos tanto no Extremo Oriente como em outras regiões.

Hoje, as diretrizes são outras e reencontram a autenticidade primitiva: "A Igreja nada subtrai ao bem temporal de cada povo, mas pelo contrário, fomenta e assume, enquanto bons, as capacidades, as riquezas e os costumes dos povos" (*Lumen Gentium*, n. 13); "tudo quanto de bom se encontra semeado no íntimo dos homens ou nos próprios ritos e culturas dos povos não apenas permanece, mas é sanado, elevado e consumado para a glória de Deus" (*Ad Gentes*, n. 9).

Estas novas perspectivas largamente abertas, desde João XXIII, pelo Concílio Vaticano II e por Paulo VI, são aplicadas pelos padres Casemiro Beksta e Antônio Iasi aos caboclos da Amazônia, aos índios de Mato Grosso, ao homem brasileiro, produto do amálgama de várias raças, de que resultou um tipo peculiar de cultura.



## REPORTAGENS

Selso Dal Belo

# A AMAZÔNIA



— A que horas sai o avião?  
— Esteja no aeroporto às 7,30 horas!

Ao meio-dia decolamos do aeroporto de Brasília. Às 22,30 h, veio tudo junto: café, almoço e janta. Estávamos em Belém. Brasília-Belém num C-54 da FAB são 5 horas e meia sobre um mistério verde e infinito.

“E” de deixar um presidente frustrado” — comentou uma companheira ao ver um fiozinho amarelado escorregando por entre o verde das florestas.

O fiozinho de nada era o rio Tocantins. E perdida no tempo e no espaço de vez em quando aparecia uma choça, mais sonho que realidade.

Assim, pensando que já tinha começado minha missão, reli o lema na camiseta: PROJETO RONDON — INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR.

— Integrar tudo isto? Por onde começar?

As 17,30 h o quadrimotor nos desembarcava no aeroporto de Belém e a população nos recebia com muito calor humano, ao som de uma furiosa bandinha que pedia: “Eh! você aí, me dá um dinheiro aí”. Nós íamos tentar dar um pouco mais.

Belém, cidade linda. Ficamos aí três dias organizando o material, os medicamentos, e esperando o navio que nos transportaria para a outra margem do rio Amazonas, rumo a Macapá, a mais de 300 km. Belém dista 120 km do oceano Atlântico, na margem direita do Amazonas, justamente na foz dos rios Pará e Guaná. Cidade dos “túneis verdes”: as ruas são tôdas ladeadas de frondosas mangueiras carregadas de frutos. Chove todos os dias, e quando inicia a chuva, a gente pode acertar o relógio, porque são 3 horas da tarde. O clima é um pouco quente, sobre-

tudo para mim que sou gaúcho. Mas a temperatura é bastante estável — 28°. Atualmente, está faltando a Belém um progresso maior. As casas, na maioria, são do ciclo da borracha. São revestidas de azulejos portugueses. Pará é a região mais brasileira do Brasil. Praticamente não sofreu influência estrangeira: nem no linguajar, nem nos costumes, nem na cultura. Se você quiser um refrêscio, encontrará guaraná puro, tapereba, inajá e outros. Comida típica é o tacacá, vendido na rua como se vende, noutras regiões, o cachorro-quente, que lá não se conhece. O *Ver-o-Pêso* é o pôrto de Belém. E' pulmão e coração da cidade. Pela manhã, parece um mar de gente, às margens de um mar de barcos e velas de todos os tipos, sôbre um mar de água doce. Gente que vai e vem, levando e trazendo de tudo: ali se compra tanto um chapéu de palha como uma calça *Lee* ou um relógio suíço.

Dia 25 de janeiro, ao entrar da noite, embarcamos no navio *Silvio Motta*, com destino a Macapá. No meio da maior algazarra, eram mais de 250 *rondonistas*, integrando os 5.000 participantes do *Rondon-3*. Môças e rapazes universitários ainda não formados ou recém-formados, atingindo os mais diversos setores: medicina, odontologia, educação, enfermagem, assistência social. Cada qual iria trabalhar em seu setor, fazendo levantamentos ou prestando assistência às populações.

Contornando a ilha de Marajó, pela parte interna do continente e circundando ilhas, levamos 3 dias para chegar a Macapá. Para êste percurso os navios precisam de *práticos*, pois existem centenas de ilhas ao lado da de

# 1



Marajó e centenas de *canais*, só conhecidos por êles, principalmente agora, no inverno.

— Mas como inverno, se estamos suportando dia e noite 28 a 30°?

— E' inverno, sim, môço. E' que chove muito nesta época e tem ilhas que um dia estão num lugar e noutra dia estão noutra, devido ao movimento das águas.

— E o verão?

— Verão é julho, agosto e setembro, quando não chove nem um nadinha. Você ainda não viu, na mata, o que é inverno. O ca-

*bra* que quiser fazer seringa tem que andar no meio da água.

De fato, em Macapá, um aviador estêve nos contando que na época das chuvas, sobrevoando a floresta Belém-Manaus "não se sabe onde termina a água e onde começa a terra". Por debaixo do verde das matas aparece sempre o espelho da água.

Belém-Macapá, a paisagem é monótona. E' sempre o verde imenso das florestas horizontais que vêm debruçar-se sôbre a imensidão das águas turvas e amareladas. Quando o navio se aproximava um pouco mais da

**UM MAR DE GENTE, ÀS MARGENS DE UM MAR DE BARCOS, SÔBRE UM MAR DE ÁGUA DOCE**

margem de alguma ilha, surgiam dezenas e dezenas de canoas manejadas por crianças e adultos, homens e mulheres, nos mais sumários ou miseráveis trajés, pedindo, aos gritos, comida e roupa. Nenhum de nós *atirava* coisa alguma, é claro. Nada tínhamos para dar. Eram cenas que se repetiam e nos angustiavam. O navio passava e as canoas tristes rumavam às margens, para junto da palafita. E no vão da choça de palha ficava uma mulher rodeada de 8 ou 9 cabeças de crianças olhando imóveis a nossa passagem.

Certa noite, o navio teve que lançar âncora por falta de visibilidade. Chovia muito. Fomos acordados, então, pelos gritos vindos de umas quarenta canoas: brasileiros, irmãos nossos, pedindo comida e roupa.

Tôdas as vilas e habitações estão sempre localizadas nas margens dos rios, pois o rio lhes é vida, comida e comunicação. As maiores povoações possuem também casas de alvenaria e madeira. E já se nota um bom e incipiente progresso, devido ao grande esforço do governo do Pará.

Assim mesmo, pode-se dizer que é a Amazônia de sempre. Sempre esquecida. Grandes fatos mal conhecidos ou mal dirigidos fazem-na um mundo à parte. O aproveitamento de suas riquezas processa-se assistemáticamente e sem controle. Não há para isso um levantamento real e objetivo. Há falta de recursos, de transportes e de comunicação. Há principalmente falta de estruturas econômicas de base para radicação de investimentos, como o que visa a eletrificação daquelas áreas. Circulam muitos comentários sobre a usurpação da riqueza amazônica, uns com fundamento, outros com base apenas em suposições. De tôdas as lendas da Amazônia, uma das poucas verdadeiras é a que fala da existência de mais de 1.200

campos de pouso clandestino na região...

O navio ia deixando equipes de *rondonistas* nas diversas vilas situadas nas bordas da ilha de Marajó e das outras ilhas. Assim iam eles ficando perdidos dentro da imensidão das águas — Ceres, Chaves, Curralinhos, Gurupá... Afuá foi a última vila, onde ancoramos às 3 da tarde e só partimos às 5 horas do dia seguinte, pois o prefeito ofereceu-nos um baile com a presença de tôdas as autoridades locais. Afuá, situada na periferia de uma ilhota, ao lado da Marajó, possui 800 habitantes que trabalham na seringa ou na extração de madeira. Não tem assistência médica e há três anos não recebia visita de um médico. Em 1968 haviam falecido 13 pessoas, sendo 8 de difteria, a doença de todos. Tem prefeito, delegado, juiz e pároco espanhol. O ensino primário conta com boa organização. A vila toda está construída sobre palafita, metro e meio de altura, por causa do alagamento que se verifica periodicamente na época das enchentes. As casas são tôdas de madeira, por haver serrarias próximas. A tábua de lei custa NCr\$ 1,00; o saco de feijão, NCr\$ 120,00; um quilo de manteiga, NCr\$ 7,00; um quilo de batata inglesa, NCr\$ 3,00; um quilo de camarão, NCr\$ 0,25.

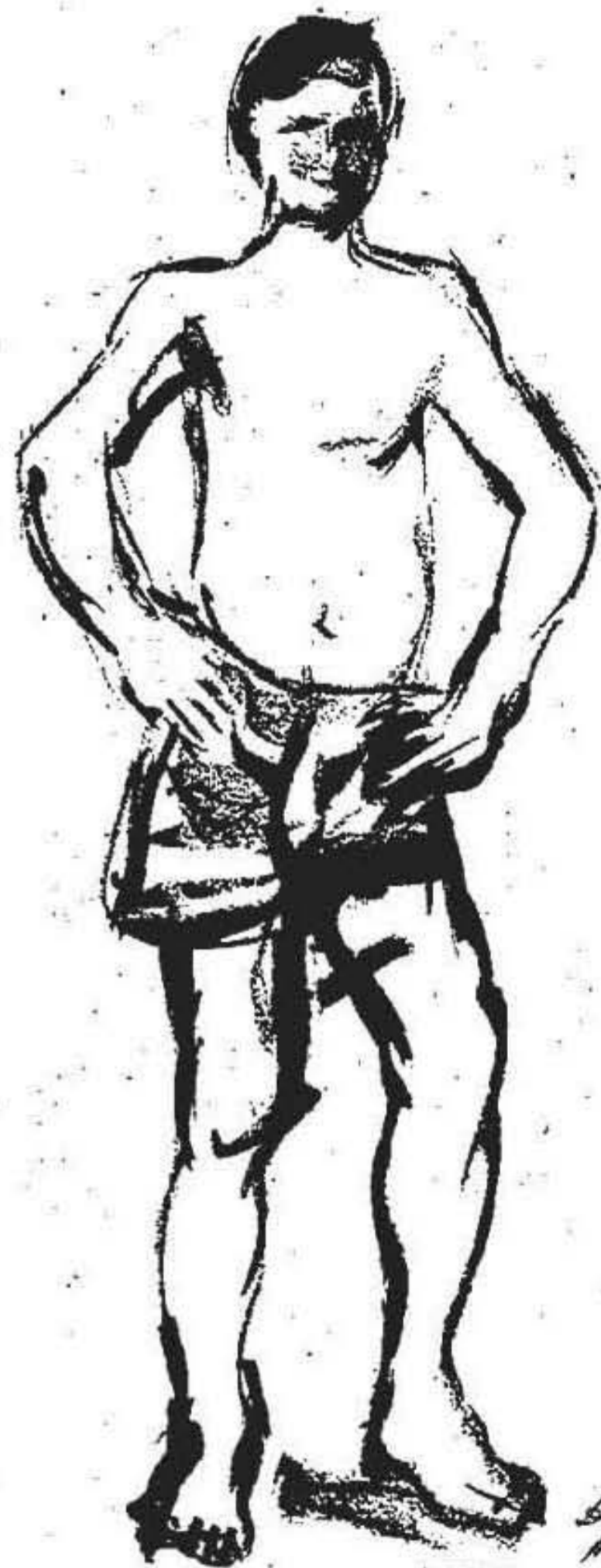
— O senhor nasceu aqui?

— Não, *seu* môço, eu vim do Ceará, há mais de 12 anos. O meu compadre que trabalha na seringa, é da Paraíba e veio criança ainda. Aqui muita gente veio do Nordeste, para fazer a vida pra cá.

Essa gente são uns verdadeiros heróis. Enfrentam a natureza insidiosa e selvagem. Enfrentam a exploração dos intermediários. O mogno, por exemplo, a melhor madeira do mundo, utilizada na fabricação de móveis, é vendida pelos *caboclos* aos inter-

mediários à razão de NCr\$ 10,00 o metro cúbico. E os intermediários obtêm NCr\$ 100,00... O *caboclo*, sem recursos, não tem outro meio a não ser procurar os donos da situação. E assim, sempre fica devendo ou dependendo deles. Consciente ou inconscientemente nota que, trabalhando ou não, permanece sempre na mesma e decide por trabalhar apenas para ter o necessário que comer.

Um prefeito esteve nos contando que, ao assumir o cargo, há três anos, os funcionários da prefeitura não sabiam o que era dinheiro. Recebiam sempre um *vale* para retirar alimentos na *casa de negócios* do prefeito.



**E' INVERNO SIM, MÔÇO. E' QUE CHOVE MUITO NESTA ÉPOCA E TEM ILHAS QUE UM DIA ESTÃO NUM LUGAR E, NOUTRO DIA, ESTÃO NOUTRO, DEVIDO AO MOVIMENTO DAS ÁGUAS.**

# 2

quente e úmido: uma temperatura média de 30° e 70% de umidade. Chove todos os dias durante nove meses — é o inverno. Nesta época, o terreno fica sempre alagado. No verão não cai um pingão d'água — são os meses de julho, agosto e setembro. A vila possui aproximadamente 900 habitantes, todos eles com forte dose de sangue indígena. Mas chegou a ter 2.300, quando era o centro de mineração do ouro. Calçoene possui pároco, delegado e prefeito. Naturalmente, não tem médico nem dentista. Há casos de malária, elefantíase, etc. Mas a verminose é a doença de todos. O abastecimento e a comunicação, por via terrestre, com Macapá, são feitos de 15 em 15 dias, em um *pau-de-arara*, que transporta tudo de uma vez: passageiros, mercadorias e até animais. Há um telégrafo sem fio... e um pequeno aeroporto,

O calor é imenso, uma luminosidade de cegar. Estávamos colocando o pé no hemisfério norte. Desembarcamos no pôrto fluvial flutuante de Santa Maria, a 6 km de Macapá. O que impressiona são as montanhas de manganês que como negras pirâmides se levantam e dominam a imensidão das águas e do continente plano a perder de vista...

Macapá-Calçoene foram 430 km. Foram 17 horas num *pau-de-arara* que levou os 27 componentes do Projeto Rondón-3, as bagagens e 20 caixas de medicamentos destinados à população. Precisamente em Calçoene, onde atuei, a equipe estava composta de 9 pessoas — 6 rapazes e 3 moças. Os outros ficaram em Amapá, a 130 km. Calçoene é o quarto dos cinco municípios do Amapá. Fica próximo à Guiana Francesa. Limita-se com o oceano Atlântico e os municípios de Amapá e Oiapoque. O clima é

A alimentação básica é a farinha de mandioca e o açaí (suco de cor marrom extraído do coquinho da palmeira açaí). Ninguém conhece pão, nem legumes. Carne, quando existe, é de peixe ou animal selvagem. Certa ocasião, participei com o prefeito, do transporte de 12 queixadas (espécie de porco do mato) abatidos pela escopeta de um caipira. Existem caitetus aos bandos. Existem veados, antas, cotias, jacarés, jabotis e traçajás... A natureza é muito pródiga, pois os tatus (canastra) chegam a metro e meio; o sapo cururu enche totalmente uma lata de 18 litros; há minhocas de 4 a 5 metros.

Todo o território federal do Amapá é riquíssimo em minérios: manganês, estanho, alumínio, ouro, etc. Em Calçoene, especialmente, existem as maiores jazidas de ouro. Um aviador que

fazia o interpouso em Calçoene, rumo às minerações de S. Lourenço, falou-nos sobre as trocas de carteiras de cigarros americanos por pepitas de ouro. Em Cunacri, localidade do município, descobriu-se nos dias que lá permanecemos uma jazida de manganês que supera em muito a da Serra do Navio no mesmo território, atualmente explorado pela ICOMI. Para se chegar às maiores e mais fortes minerações e garimpagens, ou se vai de avião, ou se enfrentam os 80 ou 100 km, subindo montanhas e arrostando com os perigos da selva. Na mineração, o caboclo recebe pagamentos irrisórios, e o que recebe deposita novamente, em grande parte, nas mãos do patrão da mina de garimpo — o patrão que possui todos os meios de manutenção do vilarejo perdido na floresta. O que lhe sobra, então, volta para o ponto de onde veio. Vítima de si mesmo, gasta tudo na bebida e na vida. Outros, os mais moços, buscam dinheiro de trabalho em Caiena. Esses também, depois de terem um bom dinheiro, voltam e se desforram dos meses de luta, esbanjando toda a fortuna em farra. Assim, poucos meses depois, todos regressam ao trabalho, prometendo:

— Na próxima vez, se Deus quiser, vou economizar meu dinheiro e ter mais juízo.

Mas tudo sempre se repete. E neste círculo vicioso, não se sabe qual o meio de renda da população, afora algumas *casas de negócio* (onde se vende tudo) e alguns botecos, que só possuem, enfileiradas nas prateleiras, dezenas e dezenas de garrafas de aguardente. Indolente e inerte, o povo vai vivendo sem qualquer iniciativa, esperando sempre ganhar as coisas.

## NÃO PRÒPRIAMENTE UMA CONCLUSÃO

Nossa equipe atuou nos seguintes setores: medicina, 2 pessoas; educação, 2; odontologia, 2; assistência social, 2; engenharia, 1. Os encarregados do setor medicina deram consultas diariamente, procurando erradicar as principais doenças e epidemias. Os responsáveis pelo setor odontologia extraíram mais de 500 dentes, além de fazerem pequenas cirurgias. Era penoso ver mocinhas de 15 ou 16 anos sem os dentes da frente. O setor educação fez levantamentos completos nesse campo e orientou as professoras. No município, só existem escolas primárias e a maioria das professoras possui apenas o 4º ano primário. Aliás, isto se verifica em quase toda a Amazônia.

Nossa atuação no interior do município — 200 km de extensão — foi muito sacrificada. Tudo era transportado dentro de uma canoa. Às vezes, tínhamos que penetrar no mar com perigo até de naufrágio. As restingas de terra, mais ou menos 2 km, nós as transpúnhamos levando barco e tudo nas costas, para prosseguirmos depois através dos alagamentos internos do continente. Chegando a um local de quatro ou cinco casas dispersas, feitas com folhas de palmeiras, encontrávamos gente que mal imaginava que o Brasil existe e que é sua pátria. Gente que se limita a uma nesga de terra entre as águas ou a um pedaço de roça donde tiram o indispensável: a tapioca de todo dia. Atendíamos, então, as pessoas numa escolinha de madeira, e prosseguíamos a caminhada, carregando tudo novamente, 10 a 15 km, através da mata, a pé ou no lombo de cavalos, transpondo charcos e lodaçais onde os animais quase ficavam atolados. As noites na mata eram penosas, devido aos enormes enxames de mosquitos, que nos aterrorizavam com suas picadas e moléstias que nos podiam transmitir. Dava medo o urro dos bugios e das onças. Nossas refeições, às vezes, limitavam-se a um naco de carne e a um punhado de farofa.

Contudo, a camaradagem vencida todas as lutas. Alguma ajuda pudemos dar aos nossos irmãos mais necessitados. E regressamos desejosos de podermos participar novamente de mais uma oportunidade semelhante.

Nossa equipe atuou nos setores medicina, educação, odontologia, assistência social e engenharia. E nós vimos gente que se limita a uma nesga de terra entre as águas ou a um pedaço de roça de onde tiram a tapioca de cada dia.



# EVANGELIZAR

P. Casimiro Beksta, S.D.B.



**PARA  
REFLEXÃO**

## QUESTÕES DE ACULTURAÇÃO

Uma perguntinha: falando em comunidade, pensamos em usar o pronome *nós* ou *êles*? Considero-me inserido nessa minha comunidade, sou seu membro integrante, moldado por ela e moldando-a de dentro, ou a considero como algo distinto de mim, objeto das minhas preocupações pastorais?

Exatamente, a resposta de cada um indicará o grau da sua adaptação ao meio e colocará às claras alguns aspectos dessa adaptação possível e necessária:

adaptação do sacerdote na comunidade concreta — “como tornar-se um de nós” e não permanecer “um de fora”?

adaptação à cultura local — usar a mesma linguagem dela, para se entender com tal palavra a mesma coisa; devo ex-



primir alegria, tristeza, esperança e dor... da maneira como eles exprimem, para que o meu sinal não se torne um símbolo do oposto;

adaptação à organização social do lugar — será que não estamos violando alguns direitos e deveres de pessoas locais, distribuindo a torto e a direito deveres e poderes de liderança? em vez de respeitarmos os esquemas e instruções da sociedade local, não as tornamos hostis, de modo que as inovações almejadas resultam ineficazes?

adaptação à religiosidade local — será que estamos atentos para fazer crescer e desabrochar para o cristianismo tôdas as sementes que o Verbo ali plantou? o Espírito Santo já preparou o caminho para a recepção da boa-nova, e nós obstruímos êsses caminhos e derrubamos as pontes, querendo talvez formar os cristãos conforme a imagem dos cristãos de outra pátria...

Essa irrupção de perguntas deve conduzir a conclusões claras e conscientes. O que se pretende não é oferecer receitas prontas, mas ajudar a descobrir uma pista para encaminhar um trabalho criativo.



A teologia ensina que a economia sacramental da salvação (a liturgia) foi planejada por Cristo, para ser um prolongamento da obra salvífica que ele começou com a encarnação e que completará na sua segunda vinda. Mas essa obra só se realizará plenamente mediante a cooperação humana, consciente e completa, porquanto ela é a confirmação final da realidade da encarnação.

Entretanto, isto se torna difícil, quando as formas sacramentais despertam pouca ou nenhuma resposta psicológica na pessoa que recebe o sacramento; tudo se realiza numa *linguagem* cultural estrangeira (entendendo aqui a *linguagem* no sentido lato, como todo o conjunto de formas e palavras), que talvez nem ao menos consiga apelar aos arquétipos culturais e religiosos do povo.

O fato de a liturgia (além de outras formas) constituir o meio através do qual as pessoas são evangelizadas e catequizadas, mostra que a liturgia deve estar plenamente adaptada às capacidades de receber e responder.

No mesmo instante em que a liturgia deixa de ser um encon-

A teologia ensina que os sinais da salvação foram planejados por Cristo, para serem um prolongamento da obra que ele mesmo começou com a encarnação. E ensina também que essa obra só se realizará plenamente através da cooperação humana, consciente e completa.

tro consciente e pleno entre um povo e o Deus que o salva, essa liturgia falha na sua tarefa primária: não é mais um "culto em espírito e verdade" (Jo 4,24), e nesse caso torna-se inevitável e urgente o problema da adaptação.

De acordo com o ponto de vista bíblico e patrístico, as diversas nações só ocupam o seu lugar certo dentro do povo de Deus, quando podem louvar e cultuar o Senhor em sua própria linguagem, com suas formas religiosas próprias, e assim prestar homenagem do seu próprio espírito ao Senhor do Universo.

O fundamento antropológico da adaptação é baseado nisso: o espírito e cultura autóctones constituem um valor legítimo, humano e insubstituível. São manifestações variadas da própria perfeição infinita de Deus. Por isso, possuem um sentido e um valor que vão além do simples folclórico.

Os estudos de Ohm, Jung, Mircea Eliade, entre outros, não deixam dúvida alguma: os arquétipos religiosos são os que se acham mais profundamente arraigados na alma de cada povo. O instinto religioso é o impulso humano mais profundo e governa a vida inteira, — a vida pessoal e social estão marcadas pelo instinto comum que levá para o culto.

Por isso, os evangelizadores devem ter o máximo respeito para com a sensibilidade religiosa de cada povo. Esta pode se comparar ao grito de convite que a alma "naturalmente cristã" dirige a Cristo. E por meio desta sensibilidade religiosa, o Pai já lhes está preparando a vinda de seu Filho. Uma perspectiva assim esclarecida, exige também uma mudança no apostolado. O evangelizador deve estudar e respeitar esse caráter profundamente religioso e pré-cristão nas diferentes culturas. Deve ter olhos

atentos e sensibilidade esclarecida, para se tornar um homem capaz de traduzir para esses povos a palavra de Deus, e depois incorporar seus recursos religiosos na herança da Igreja, traduzindo o culto e a instrução para termos da tradição deles e de acordo com a sensibilidade religiosas deles.

Infelizmente, apesar de instruções da Igreja, chegamos, com demasiada frequência, a considerar como nosso dever, por exemplo, desarraigar por completo qualquer prática religiosa indígena, que por ser "pagã", devia ser abolida. Estigmatizamos muitos ritos como "mágicos", onde havia apenas um culto natural, o comportamento espontâneo de um povo que em toda a parte sente a presença de Deus. A conversão para o cristianismo nunca lhe deve exigir a perda de seu culto. Ao invés disso, deve elevá-lo a um nível mais alto, onde ele possa atingir a perfeição (sempre tendo em vista a ressalva de que seus costumes não sejam realmente opostos à fé e à moral).

Pio XII, em 14 de junho de 1951, escreveu que ninguém deve cortar, impensadamente, uma árvore magnífica. Ao contrário, deve enxertar-lhe nova bondade, para colher frutos mais ricos e mais saborosos.

Muitos elementos estão prontos para serem imediatamente adotados: o vivo sentido comunitário, a capacidade de compreender o simbolismo e o ritual, o respeito pela natureza e suas forças, a piedade filial, etc. Em geral, pode-se dizer que a procura de entrar em contacto com o mundo supra-racional e divino está longe daquilo que se denomina magia. Tal inclinação é humana, está na base dos sacramentos e, por isso, pode ser mui-

to bem adaptada para um culto verdadeiro.

No culto, primeiro judaico, em seguida grecizado, depois latinizado, e que mais tarde recebeu uma forte influência germânica (piedade individual), o Concílio de Trento fez uma separação estanque, bipartida: de um lado, o culto se tornou negócio do clero e oficializou-se; de outro, a piedade (práticas de piedade) ficou reservada para o povo...

Na época atual, em que os povos não-ocidentais suportam, com muita dor, o complexo de superioridade do Ocidente, a nossa persistência em ocidentalizar ou europeizar tudo, causa mais males do que bem, e pode até causar uma rejeição da Igreja de Cristo, se ela fôr identificada com o Ocidente, contra o qual se insurgem os povos, procurando uma forma própria de vida.

Isto pode soar negativamente, mas é uma condição indispensável e preliminar, para responder com uma adaptação sã e séria, e para descobrir como são realmente urgentes os princípios positivos que acabamos de expor:

O primeiro, o mais importante, é tirado da antropologia geral: **O VALOR DA SENSIBILIDADE RELIGIOSA, PRÓPRIA DE CADA POVO, É INSUBSTITUÍVEL.**

O segundo princípio, especificamente cristão, apóia o primeiro: **O CULTO É A RESPOSTA AO CHAMADO DE DEUS. E COMO TAL, DEVE SER ADAPTADO À CAPACIDADE DOS HOMENS E À SUA CULTURA; DEVE SER PLENAMENTE HUMANO.** Contudo, o essencial é a inserção do divino na história humana: é a encarnação da vida de Cristo em todas as formas da cultura humana. Essa encarnação não se restringe aos sinais sacramentais, nem às instituições primárias da

Igreja, que Cristo diretamente estabeleceu. Ela se alarga até incluir o processo de adaptação. Sob a ação do Espírito Santo, desde os primeiros séculos, formaram-se e se distinguiram as grandes famílias litúrgicas e disciplinares, orientais e ocidentais. Todas são genuinamente cristãs, mas cada uma adaptou-se, com um ou outro "acento" especial na resposta humana, ao chamado de Deus. Elas constituem um enriquecimento verdadeiro da Igreja: a mensagem revelada é tão rica e cheia de infinitas virtualidades que a expressão da riqueza inexaurível de Cristo será melhor assegurada se ela puder se encarnar em formas variadas.<sup>1</sup>

Em 1959, a Congregação para a Evangelização dos Povos dirigiu-se, assim, ao primeiro Vigário Apostólico da Ásia: "Não deseje e não sugira àqueles povos que mudem seus ritos e costumes. De fato, que coisa seria mais absurda do que levar a França, a Espanha, a Itália ou qualquer outro país europeu para a China? **NADA DEVE SER IMPORTADO A NÃO SER A FÉ VERDADEIRA**, essa fé que não recusa e não ofende nenhum rito, nenhum costume, se eles não são maus".<sup>2</sup>

### Empatia e Identificação

Existem vários graus de adaptação, desde a mais imperfeita empatia (compreensão) até a mais perfeita identificação. Um homem de negócios ou um oficial do governo pode estar satisfeito com sua adaptação à cultura e à sociedade estranha, se a gente dêse povo o considera como um "amigo íntimo e compreensível". Mas um evangelizador só pode se contentar com a mais perfeita forma de adaptação, — a identificação completa ou, pelo menos, tão perfeita quanto pos-



sível. Não deve se contentar com que o povo o considere como "nosso amigo querido", porque sua vocação exige que se torne "tudo para todos" (1 Cor 9,22), a ponto de "esvaziar-se a si mesmo" (Filip 2, 6-7) dos modos que lhe são próprios, para se tornar um com o povo de sua adoção. O povo deve considerá-lo não só como "um de nós".

Ao falar de identificação apostólica, temos em mente dois elementos distintos:

1. Empatia (compreender com simpatia os costumes e psicologia locais).

2. Adoção real (realmente adotar os costumes e valores locais). Inclui-se nela a aprovação interna e a prática externa dos costumes e valores locais, evidentemente respeitando sempre os limites de reta razão, da prudência, da ciência, da fé, e das finalidades do trabalho apostólico.

Adoção real não é cega, mas seletiva. Desde que tenha como fim específico acelerar e integrar completa e permanentemente o evangelho nos moldes da vida local, qualquer aprovação interna ou uso externo que retardasse a cristianização, ou que ocasionasse crenças ou práticas sincretísticas, ou que por acaso levasse a resultados infrutuosos, estaria fora de lugar, na genuína adaptação apostólica.

Pelo contrário, o sacrifício, o sacrifício de um modo próprio de pensar, de sentir, de falar e de agir, em favor dos costumes ou valores locais, é um autêntico e verdadeiro holocausto. É a principal resposta do evangelizador ao convite de Cristo: "Tome sua cruz e me siga".

Empatia (compreensão com simpatia) significa que o evangelizador compreende perfeitamente e aprecia, tal como os nativos, as razões que há debaixo de determinado modo de vida,

**O ESPÍRITO E CULTURA AUTÓCTONES CONSTITUEM UM VALOR LEGÍTIMO, HUMANO E INSUBSTITUÍVEL. SÃO MANIFESTAÇÕES VARIADAS DA PRÓPRIA PERFEIÇÃO INFINITA DE DEUS. POR ISSO, POSSUEM UM SENTIDO E UM VALOR QUE VÃO ALÉM DO SIMPLES FOLCLÓRICO.**

mas isso em pleno contexto nativo. Sem aprovar a poligamia, deve compreender por que o seu povo é polígamo. Sem tolerar o feiticismo ou a promiscuidade, deve entender por que o seu povo venera os feitiços ou é promíscuo.

**EMPATIA SIGNIFICA QUE EU COMPREENDO POR QUE MEU POVO É TAL COMO É, NÃO IMPORTA O QUE SEJA.**

Embora a empatia seja algo interno, ela não deixa de ser claramente percebida pelo povo local, e constitui um pré-requisito para uma genuína identificação apostólica.

A empatia deixa transparecer fora, até inconscientemente, aquilo que é uma atitude interna.

A personalidade de cada um de nós caracteriza-se (sobretudo, para as pessoas que de fora nos observam), pela nossa maneira de ser e pelo nosso comportamento. Este comportamento, esta maneira de ser, são *motivados* por *opiniões*, atitudes, gestos, interesses e necessidades.

**MOTIVAÇÃO** é o conjunto de interesses, opiniões e necessidades, que nos levam a ação. Neste sentido, podemos falar em motivação literária, comercial, artística, esportiva, musical, estética e mística. A motivação corresponde, em geral, ao que a pessoa valoriza mais. Assim, existem "valores" artísticos, éticos, etc. Apesar de eu dizer "muito bem", meu olhar ou gesto inconscientes podem manifestar minha atitude interior desaprovadora, e esta mensagem será captada pelo interlocutor. São as mensagens "não-verbais" — o olhar, o gesto, a voz — que atingem mais diretamente a alma, o coração, o sentimento das pessoas, pois são imbuídas de autenticidade e de espontaneidade. E as possíveis distorções da mensagem podem-se verificar por parte de

quem a transmite, por parte de quem a recebe e no modo mesmo como tal mensagem é transmitida.

#### Sensibilidade Necessária

Estas e semelhantes noções nos tornarão sensíveis, na adaptação que devemos empreender: as várias formas de renovação dos ministérios sacerdotais incluem, todas, nova aproximação da mentalidade e da cultura popular.

A reforma litúrgica está baseada no princípio fundamental colocado pelo decreto conciliar: **A SINCERIDADE DOS SINAIS sacramentais e da liturgia, em geral.** Sendo sinal das realidades invisíveis da salvação, a liturgia deve ser expressiva. Deve mostrar de modo compreensível para o povo os dons de Deus. Deve exprimir a aceitação, na fé, dos mesmos dons. Nos seus elementos móveis e acidentais, a liturgia recorre aos sinais da cultura popular, transfigurando-os, a fim de torná-los significativos das realidades divinas.

A palavra tem que ser atualizada, compreensível. Deve responder à inquietação religiosa muitas vezes inconsciente dos homens de hoje. Não basta conhecer os sistemas filosóficos contemporâneos. Importa, primeiro, conhecer os pensamentos dos que não fazem filosofia e que constituem a maioria. E também não basta conhecer. Se o evangelizador não participar das inquietações e aspirações, dos projetos e sonhos, da sensibilidade e emotividade do povo, não saberá achar nem os sinais nem as palavras que estabelecem contacto com o povo. O mesmo vale dizer das obras que não encontrarão entusiasmo se não corresponderem à sensibilidade popular.

Se a missão do padre fôsse apenas administrar válidamente os

sacramentos, de nada importaria sua nacionalidade. Mas para o ministério da palavra, para estimular obras concretas no meio do povo, para que a liturgia seja realmente significativa, importa muito participar da alma popular.

Aqui também os diáconos poderiam prestar ajuda sensível. Poderiam reforçar o caráter nacional e popular do clero, e exercer pressão permanente sobre os sacerdotes a fim de os aproximar do povo, e assim lutar contra as forças centrífugas. Isto evidentemente com a condição de que os diáconos sejam escolhidos não por sua identificação com a mentalidade do clero, mas antes com a mentalidade popular.

Em nossos dias, quando a Igreja estabelece o relacionamento com nossos povos, ela deve evidentemente continuar o trabalho de adaptação. Do contrário, correrá o perigo de permanecer-lhes uma instituição estrangeira.

#### Adaptação: Suas Condições e Dificuldades

Ora, para realizar tal adaptação, supõem-se várias CONDIÇÕES:

1. E' preciso conhecer não só os costumes e ritos do povo, mas também o sentido mais profundo de suas origens.

2. E' preciso ter tato para sentir coisas que, naqueles costumes antigos, ainda hoje conservam algum valor; e para sentir a direção que deveriam tomar numa possível adaptação.

3. E' preciso, de um lado, ter um conhecimento profundo da tradição cristã, para distinguir nos costumes do povo o que é universal, daquilo que é particular. De outro lado, somente o clero autóctone pode conhecer melhor do que ninguém o espírito do seu próprio povo. Para isso, tal cle-

ro, além de receber uma formação especial no espírito litúrgico, deve manter contacto vivo com o próprio povo, a fim de não se desvincular de sua mentalidade e compreensão.

Entretanto, quais são as dificuldades que tornam tão lento o processo da adaptação? Muitas vezes, é a preocupação de cristianizar o povo nos moldes de uma civilização "ocidental-cristã", esquecendo-se de que o essencial é cristianizá-lo dentro de sua própria civilização. Assim, por exemplo, os indígenas brasileiros consideram os missionários por demais estrangeiros e instintivamente lhes ocultam sua vida íntima. Parece-lhes que seria uma profanação revelar-lhes seus costumes e motivos profundos. Apesar disso, após longos anos de estudos infrutíferos, alguns missionários especializados em antropologia já conseguiram fazer descobertas importantes.

Diante de costumes impregnados de elementos negativos, o primeiro movimento foi o de rejeição *in totum*, em vez de se procurar assumir tudo o que houvesse de valor.

Há, sem dúvida, muitas dificuldades concretas para a criação de uma liturgia nacional e regional. Mas acontece que não se aproveitam as possibilidades já concedidas, não apenas no campo litúrgico, mas também no paralitúrgico, oferecendo este último a melhor preparação para um ritual de fato adaptado.

#### Falta de Adaptação: Algumas Conseqüências

Aos olhos dos indígenas, por exemplo, a Igreja Católica tem permanecido igreja de gente branca. Eles a aceitam, como aceitam os outros valores da nossa civilização ocidental. Deve-se, porém, recear que o país que se está

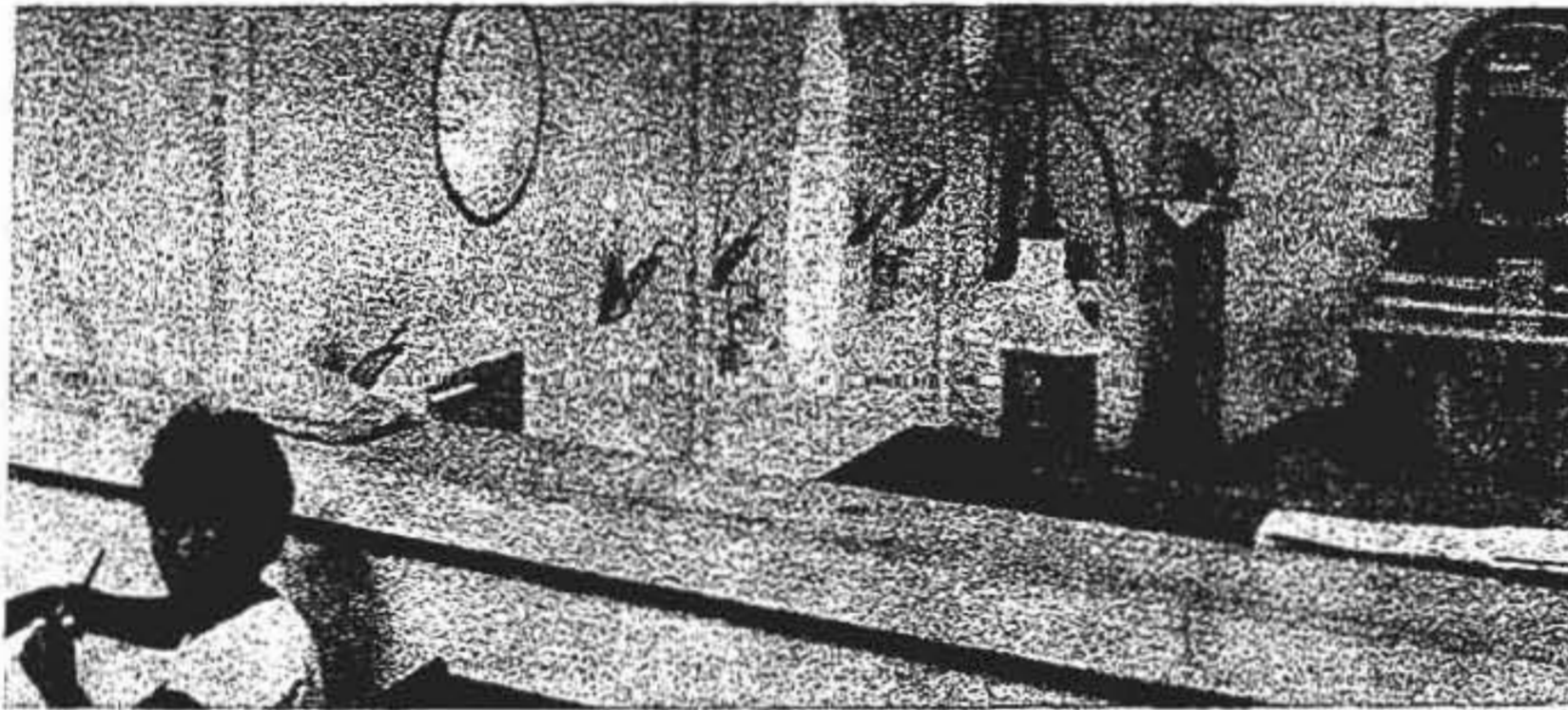


tornando consciente de seu próprio valor e de sua riqueza irá opor-se cada vez mais a tudo o que é imposto de fora e permanece estrangeiro. Assim, pode desviar-se da Igreja que não conseguiu dar-lhe um caráter próprio. Por isso, é urgente uma adaptação corajosa e evidente. De outra forma, nosso povo poderá abandonar a Igreja, para formar grupos pseudo-religiosos ou criar para si igrejas nacionais.

Derrubando os costumes antigos, existe o perigo de um vazio que só pode ser preenchido, se criarmos novos costumes adaptados realmente à mentalidade do povo.

Tal adaptação, em matéria de culto, consiste em estabelecer pon-

# PARA REFLEXÃO



te entre a *virtude natural de religião* como é praticada pelo povo e o culto católico que jorra da Revelação e da prática tradicional da Igreja. É preciso harmonizar ambos os termos, não mediante um equacionamento, mas através dos valores autenticamente religiosos das civilizações não-cristãs.

Devemos ter a possibilidade de nos sentirmos plenamente inspirados pelas religiões naturais, nas orações, nos cantos e nas cerimônias, desenvolvendo-os de acordo com a Revelação cristã. Desta maneira, evitaremos acusações como esta: "O homem branco trouxe-nos um Deus que não é nosso".

Mais necessário ainda é integrar o que a Revelação nos ensina sobre Deus como o autor da salvação: devemos esclarecer perfeitamente ao povo que o Deus Salvador é exatamente o mesmo Ser Supremo, no qual eles sempre acreditaram, embora sem o conhecerem, tal qual se revelou através da encarnação.

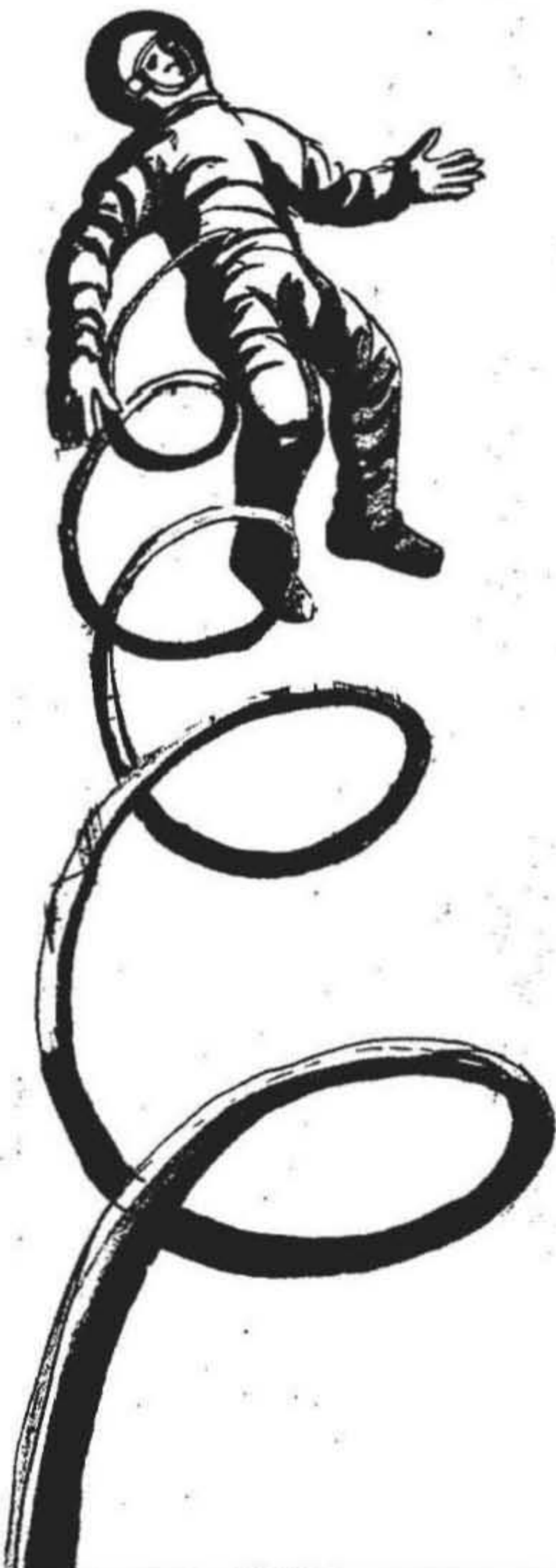
Mas, como podem ser adotados costumes locais? Simplesmente libertando-os de tudo aquilo que neles existe de supersticioso. A vantagem disso estaria no uso de formas familiares, que viriam facilitar uma participação ativa e pessoal no culto cristão.

## FONTES DOS SUBSÍDIOS:

- <sup>1</sup> Dom Bonifas Luykx, O.Praem., C.E.P., Leopoldstad, Congo Belga.
- <sup>2</sup> Card. Agagianian, propefeito da S. C. da Propaganda da Fé. Cf. Phil 4,8. Ad Gentes, 9.
- <sup>3</sup> Louis J. Luzbeňak, S.V.D., "The Church and Cultures", Techny, 111, 1963. (Versão espanhola: La Iglesia y las culturas. Antropología aplicada al servicio del apostolado", Feres, Tercer Mundo, Bogotá, Colômbia, 1967).
- <sup>4</sup> Pierre Weil, "Amar e ser amado", Psicologia social das comunicações. Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1965.
- <sup>5</sup> José Comblin, Os sinais dos tempos e a evangelização, Estudos de Teologia Pastoral - I, Duas Cidades, São Paulo, 1968.

Numa das sessões do Concílio Vaticano II, Dom Elias Zoghby, vigário patriarcal greco-melquita católico, fez uma intervenção de grande alcance e profundo valor teológico a propósito do problema de aculturação:

«O Verbo Criador depositou em cada ser humano um germe divino que os doutores gregos chamam Semente do Verbo. Através dos séculos o Espírito de Deus cultivou este germe nas almas, preparando-as, segundo uma pedagogia divina, a receber o Verbo feito carne. A Igreja que propõe Cristo aos povos mais primitivos não pode esquecer que estes povos já possuem, com este Verbo divino, uma civilização e tradições impregnadas, em graus diversos, da presença do Verbo. É este germe do Verbo que a Igreja deve tentar descobrir nessas civilizações para abrir espontaneamente os povos à recepção do Verbo encarnado. A missão da Igreja não pode, pois, consistir em substituir o Verbo Criador pelo Verbo Redentor, mas em ajudar esses povos a reconhecerem a ação do Verbo em tudo o que eles têm de bom, em seu culto, sua civilização, suas aspirações; depois em identificar em Cristo o Verbo Criador, feito carne e tornado seu irmão... Mas para que os povos reconheçam em Cristo o Verbo cujos germes trazem dentro de si, devemos apresentar-lhes o Cristo pobre do Evangelho, o Cristo de Belém, o Cristo do Gólgota, e não o Cristo já nacionalizado por nós, trazendo nosso rosto e nosso uniforme, um Cristo de importação, grego, anglo-saxão, latino, que eles não poderão assimilar, que eles não poderão refazer à sua imagem e semelhança. Cristo não pode realizar a unidade senão na medida em que se encarna em cada país e em cada povo, para que cada homem reconheça nele seu próprio irmão, alguém de sua família e de sua raça. Os homens querem um Cristo apátrida, capaz de tornar-se seu concidadão; um Cristo concebido do Espírito Santo, sem outro pai que não seja o Pai, a fim de que possam integrá-lo como primogênito de toda criatura. Cristo deve, pois, assumir os povos com o que eles têm e com o que eles são, porque foi ele quem os fez o que são e lhes deu o que têm». — (Cf. Baraúna, a Igreja do Vaticano II, Vozes, 1965, pp. 571 s).



## CURSO DE INTRODUÇÃO AO ECUMENISMO

*Horário:* aos sábados das 14 às 17 horas

*Data:* de 16 de agosto a 18 de outubro

*Taxa:* NCr\$ 30,00

Inscrição — Com Ana Vitória — na Sede do Centro de Ecumenismo: Rua Cosme Velho, 98 (local do Curso) — telefone 245-1484

### ROTEIRO

- 1) Caminhos para uma autêntica compreensão do ecumenismo: renovação e união.
- 2) Havia nos primeiros séculos uma Igreja Una?
- 3) Os três tipos eclesiásticos predominantes:
  - Cisma Oriente-Occidente
  - A Reforma
  - Os Pentecostais
- 4) Quais os caminhos que levaram à situação ecumênica de hoje?
  - O novo ecumenismo nos séculos XVIII e XIX
  - Os primeiros passos da Igreja Católica Romana para o movimento ecumênico (séculos XIX e XX)
  - Linhas principais no desenvolvimento do movimento moderno (desde 1910)
  - A ortodoxia oriental na *ecumene*
- 5) Ecumenismo: busca de vivência — vida e trabalho — busca de união na fé — fé e ordem  
assembléias de Nova Delhi e Upsália
- 6) Princípios católicos para o ecumenismo: de *Unitatis Redintegratio* até hoje
- 7) Batismo e Eucaristia
- 8) Panorama das diversas igrejas cristãs no Brasil
- 9) Existe uma diaconia do ecumenismo?
- 10) Ecumenismo — uma pró-existência: missão ou proselitismo?



## Semana Santa Médico-Odontológica

A prelazia de Diamantino, em Mato Grosso, ocupa uma área de 354.000 km<sup>2</sup>, integra o Regional Extremo Oeste e está confiada aos jesuítas. Apresenta dois setores com características bem distintas: o setor *civilizado* e o setor indígena. O primeiro compreende a sede da prelazia e algumas outras cidadezinhas próximas. Nesta área, as pessoas vivem do garimpo de diamantes; os garimpeiros, sendo tipos nômades, exigem naturalmente uma pastoral toda particular. O segundo setor, o indígena, abrange vinte tribos, das quais oito a dez são os missionários jesuítas que atendem, uma vez que as tribos restantes se encontram na área do Xingu, especialmente no Parque Nacional do Xingu. Como parte da Amazônia legal, esta região vem começando a se be-

neficiar dos incentivos fiscais (SUDAM), e surgem nessa altura os primeiros empreendimentos agropecuários.

Além dos problemas levantados pela exigência de uma pastoral específica, tanto para os garimpeiros como para os índios, existe também a situação toda difícil dos imigrantes nacionais já tapeados e decepcionados por experiências anteriores nas quais haviam confiado, com base em empresas colonizadoras, que na verdade não passavam de empresas fantasmas.

A Missão mantém um bom relacionamento com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que vem procurando a colaboração dos padres na pacificação dos índios, agressivos exatamente

por haverem sido alvo de explorações anteriores. Assim, nesta linha de trabalho em conjunto, o Conselho Indigenista da Fundação, órgão de assessoria do presidente da FUNAI, contará com um representante da Missão.

A SUDAM abriu indubitavelmente amplas perspectivas de progresso, mas os empreendimentos até agora verificados são quase exclusivamente agropecuários ou só pecuários. A Missão, por sua vez, procura fazer quanto pode criando, em cada núcleo populacional, sociedades de desenvolvimento que visam aproveitar os recursos humanos e naturais do lugar com vistas ao desenvolvimento. Neste sentido, padre Antônio Iasi, um dos sacerdotes desta prelazia, observou que a última Semana Santa acabou sendo semana médico-odontológica, tal era a quantidade de casos exigindo soluções urgentes.

A Missão de Diamantino possui 25 padres, dos quais apenas um é estrangeiro — situação quase inversa em outras missões. O elemento estrangeiro prestou grandes serviços, mas está tendo agora que enfrentar o problema da própria aculturação. O "seminário" da prelazia vem procurando educar os jovens, sem



## EXPERIÊNCIA

querer com isso predeterminá-los ao sacerdócio; mesmo os que não têm vocação podem frequentá-lo.

Já está programada uma rádio para educação de base. Enquanto isto não se concretiza, o que se pode fazer é prestar aos núcleos populacionais maiores um atendimento organizado, e aos pontos mais dispersos, um atendimento apenas esporádico. Aliás, a própria SUDAM, encontrando esta dificuldade dos núcleos dispersos, o que até agora pôde realizar foi a criação de pontos ou faixas de desenvolvimento ao longo do território. Sem dúvida, falta um órgão de coordenação nacional, ou melhor, diz o padre Antônio, "o órgão existente é o *Secretariado de Atividade Missionária*. Entretanto, além de um órgão assim estruturado, seria preciso que houvesse um bispo ou alguém diretamente responsável pela atividade missionária. Isto, porém, é um assunto bem complexo. Creemos que haveria muitas vantagens na criação desse cargo. Daria unidade às atividades missionárias; permitiria à Igreja aparecer diante dos órgãos nacionais (FUNAI, etc.), como algo organizado, evitando que cada prelado, cada superior de Missão e cada missionário procurem esses órgãos, advogando interesses justos, mas particulares".

## Índios, Garimpeiros, Imigrantes

P. Antônio  
Iasi, S.J.

O termo catequese poderia evocar a figura do índio atento à lição de catecismo ensinada pelo missionário preocupado unicamente em lhe salvar a alma.

A catequese indígena, entretanto, por se tratar exatamente de índios, por desejar atingi-los no que eles têm de mais profundo, por constituir enfim a fase final da aculturação, diferencia-se profundamente das atividades similares como seria a catequese entre os civilizados. É obra que não se improvisa e não se mantém sem uma assistência contínua e atualizada.

A catequese de que falamos — e poderíamos dizer de toda catequese — não é mera instrução. Ela visa preparar o pagão para viver na vida da graça. Por outras palavras, visa formar e manter uma comunidade cristã, dentro de circunstâncias bem peculiares (*Ad Gentes*, § 15).

Tendo o índio características psicológicas tão especiais e vivendo dentro de um contexto cultural bem específico, é mister que o missionário conheça não só cada indivíduo em particular, mas também a mentalidade grupal, que varia de tribo para tribo. É mister conhecer a história de cada grupo, a qual não está escrita, mas pode ser descoberta nas estórias, na mitologia e nos tabus, que constituem o patrimônio da cultura imaterial de cada tribo. Não menos importante é descobrir a autopercepção, ou seja, a personalidade ideal, que cada grupo ambiciona ter. Isto tudo é tanto mais importante quanto mais coeso se encontrar o grupo, e quanto mais o indivíduo estiver participando do mesmo, pois o indivíduo é condicionado pelo grupo, muito mais que os indivíduos civilizados o são pelas sociedades em que vivem.

O nosso conhecimento do índio e a assimilação por parte dele, daquilo que lhe queremos transmitir, serão muito mais eficientes — quase só serão eficientes — quando o instrumento de comunicação for a língua do próprio grupo.

Dissemos que a catequese atinge o índio no que este tem de mais profundo — sua religião. Com efeito, a religião dos grupos indígenas identifica-se com a raça, com a tribo. Dá coesão ao grupo. Abandoná-la é deixar de ser de tal ou qual família indígena, é sentir-se quase que perdido, pelo menos enquanto outra religião não for plenamente assimilada.

É preciso ter presente que a simples instrução e o fato de os índios praticarem atos religiosos ou receberem os sacramentos não levam, necessariamente, a uma mudança interior, especialmente







enquanto o grupo permanecer coeso.

Outros fatos, entretanto, como as doenças, a dispersão, o descrédito dos líderes religiosos, etc., desarticulam o grupo, impedem a vida tribal e conseqüentemente a prática da religião primitiva no que esta tem de exterior. Internamente, porém, o índio convertido permanece pagão, por muito tempo ainda. E, conforme as circunstâncias, o índio não viverá mais a sua religião primitiva, nem mesmo a que lhe foi transmitida pelo missionário, mas o sincretismo religioso.

Convém ainda lembrar que a necessidade (o índio se vê forçado), o interesse em receber bens materiais, ou, enfim, a conveniência em participar da vida social daqueles com os quais convivem, podem levar os indígenas a vestir uma nova religião — a religião do caboclo — sem que isto corresponda a uma mudança interna.

A catequese, dissemos, constitui a fase final da aculturação. No processo aculturativo, que se origina quando duas culturas entram em contacto, há valores que desaparecem, outros que se substituem, outros, enfim, que ficam latentes. Entre estes últimos encontram-se os valores religiosos. O cristão está, necessá-

riamente, ligado a todos os valores culturais, não só aos religiosos. Uma nova comunidade deveria integrar os valores da cultura primitiva, quando compatíveis com o cristianismo (*Ad Gentes*, § 15). A catequese como meta final apóia-se nos demais valores que constituem a estrutura material, intelectual, psicológica e moral — os estruturalistas apontariam ainda outras — de uma comunidade, povo ou raça.

Assim sendo, a figura do missionário catequista completa-se com a do aculturador. O missionário começa por defender as terras e os bens materiais dos indígenas. Com a criação da *Fundação Nacional do Índio*, isto se tornou mais fácil, ou melhor, mais eficiente. Só na prelazia de Diamantino foram criadas seis reservas indígenas. Temos notícias de dezenas delas em outras áreas.

O missionário, embora tendo em vista a salvação espiritual dos indígenas, começa sua atividade procurando salvá-lo, fisicamente. A imunização, a profilaxia, a higiene, a pequena cirurgia, a odontologia, etc., absorvem uma grande parte do tempo do missionário. E isto já não é de hoje. Anchieta e outros missionários praticavam a sangria, ministravam ervas.

O missionário orienta os indígenas quanto à economia, ao trabalho, à produção de bens e ao comércio. Isto é tanto mais importante quanto maior for o contacto com as frentes de penetração e com a sociedade local. Este assunto é muito delicado e há muitos perigos a evitar. A economia indígena é coletivista, o trabalho não é remunerado, a produção de bens visa apenas o consumo, o comércio não é feito na base do valor dos objetos. Essas práticas, boas e talvez ótimas numa sociedade primitiva, não resistem ao choque aculturativo. A economia torna-se individualista, sem ser necessariamente, capitalista. O trabalho torna-se remunerado, mas surge o problema de encontrar a remuneração justa, educativa, adequada, enfim, ao índio. Há o perigo de se cair no paternalismo ou no patronalismo. Não só a remuneração deve ser adequada ao índio, mas o próprio trabalho, a maneira de realizá-lo, o tempo, o local são outros tantos itens que se devem ter presentes, quando se tem em vista a perfeita aculturação dos indígenas.

A produção de bens, apenas para o consumo, não atende às necessidades dos indígenas, à medida que evoluem, ou melhor, à medida que vão entrando em con-

cos, os olhos dos índios vão se abrindo a novas realidades. O *civilizado* aparece, de início, como um ser superior, como enviado de um mundo de bem-estar material. Surgem nos indígenas as ambições desmedidas. A ambição segue-se a decepção, a frustração. O índio sem brio, sem entusiasmo, sem ideal algum torna-se o beerrão e o vagabundo, que muita gente conhece e aponta como consequência do trabalho missionário. Isto, entretanto, não é consequência da aculturação, mas evitar que isto aconteça é o grande problema que se apresenta ao missionário.

Setor não menos delicado e, por conseguinte, objeto de atenções especiais é o da moral. A motivação e as consequências das próprias ações; o sentido da participação da grande família humana, onde todos, e não apenas os elementos da própria tribo, são gente. Adquirir um verdadeiro respeito à própria vida, à vida dos outros, às suas propriedades e às instituições sociais. Criar nos indígenas a vivência da filiação divina, da reverência e do amor a Deus; fazer com que eles se movam pelo amor de Deus e do próximo, em lugar de se moverem pela vergonha ou temor das consequências sociais são os pontos que requerem muito cuidado (*Ad Gentes* § 13).

Por tudo o que ficou dito já se vê por que a catequese indígena se diferencia da catequese entre os civilizados. Ela é uma obra que não se improvisa. Requer uma vocação especial (*Ad Gentes* § 23); implica uma preparação espiritual e moral específica (*Ad Gentes* § 25); requer preparação científica: etnologia, lingüística, missionologia, conhecimentos de medicina, enfermagem, pequena cirurgia, odontologia, artes, ofícios, etc. Nem tudo é necessário para todos, mas muitas vezes senão sempre, as circunstâncias exigem que o missionário esteja preparado para tudo.

Grande é a responsabilidade daqueles que destinam os missionários para trabalhar numa obra como esta. No encontro havido em fevereiro de 1968, entre etnólogos e missionários católicos, aqueles se escandalizaram, e não sem razão, da improvisação dos missionários.

Além do cuidado em preparar os obreiros, a obra missionária requer dos responsáveis ou superiores uma planificação demoradamente pensada, quer no plano horizontal — distribuir de tal forma os missionários no território que não fique parte alguma descuidada para ser cultivada posteriormente (*Pio XI — Rerum Ecclesiae* § 22); quer no

plano vertical, selecionando as obras e dando primazia às que são realmente missionárias. Sobre isto muito se poderia dizer, mas iríamos muito longe.

Dêsse modo, a catequese supõe uma atividade constante e continuamente atualizada. A aculturação não é um estágio, mas um movimento contínuo e, não necessariamente, sempre no mesmo sentido. Daí, a necessidade da revisão periódica das atividades, dos meios empregados e dos resultados obtidos.

Concluindo: a catequese indígena não é senão a aculturação indígena à luz da mensagem de Cristo.



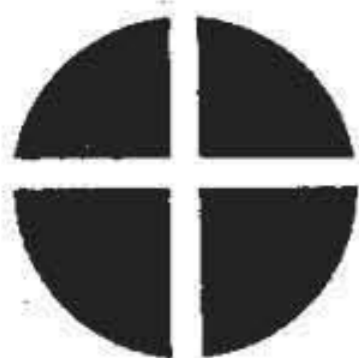
tacto com os civilizados. Muitos bens que se tornaram necessários na vida do índio, ele só os pode conseguir mediante o comércio. Surgem então diversos problemas: como, onde e o que comprar.

A catequese supõe, igualmente, a evolução intelectual dos indígenas. O aprendizado de noções teóricas: ler, escrever, quatro operações, lições de coisas. O aprendizado de artes e ofícios, agro-pecuária, indústrias domésticas. Tudo isto, porém, exige por parte do missionário um trabalho de adaptação dos textos escolares, dos métodos de ensino, das técnicas industriais e de tudo o mais que a sociedade local pode oferecer. Mas há outras dificuldades ainda e não as menores. Uma delas é saber exatamente até onde convém levar o preparo intelectual do índio, tendo em vista o ambiente em que ele vai viver. O índio *intelectualizado* não será um elemento perigoso, como muita gente pensa a respeito das massas proletárias?

A evolução psicológica do índio é outro setor que requer muito cuidado e tato. Cada grupo indígena vivia em função de seu egocentrismo; os indivíduos tinham uma mentalidade coletiva; os complexos, se é que havia, não constituíam problemas. Aos pou-

**A comunicação com os índios só é eficiente quando feita através da própria língua deles.**





## IGREJA NO MUNDO

### MORTE DO PADRE ANTÔNIO HENRIQUE

O Secretariado Nacional de Opinião Pública da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil informa que Dom Aloísio Lorscheider, Secretário Geral, esteve em Recife, para manifestar a solidariedade da CNBB a Dom Hélder Câmara, D. José Lamartine Soares e ao clero em geral, pelo bárbaro assassinato do jovem padre Antônio Henrique Pereira Netto e para inteirar-se *in loco* dos acontecimentos.

As autoridades eclesiásticas de Olinda e Recife estão convencidas de que não se trata de crime de origem passional e sim de terrorismo político. Esperam, no entanto, que a Polícia venha a elucidar o mais cedo possível a tragédia que abalou a cidade de Recife.

Como já foi noticiado pela imprensa, o entêrro contou com a presença de enorme multidão que caminhou a pé dez quilômetros. Desejando evitar qualquer pretexto de exploração política, D. Hélder não aceitou o pedido para celebrar uma missa campal. O papa Paulo VI enviou telegrama de pêsames a Dom Hélder e à família de padre Henrique.

O Secretariado Nacional agradecerá a publicação na íntegra da nota oficial distribuída pela Arquidiocese de Olinda e Recife e que é a seguinte:

#### NOTA DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE

1. Cumprimos o pesaroso dever de comunicar o bárbaro trucidamento do Pe. Antônio Henrique Pereira Netto, cometido na noite de ontem, 26 do corrente, nesta cidade do Recife.

2. Com 28 anos de idade e 3 anos e meio de sacerdote, o Pe. Antônio Henrique dedicou a vida ao apostolado da juventude, trabalhando, sobretudo, com universitários. Até às 22,30 h de

ontem, segundo testemunho de um grupo de casais, esteve reunido em Parnamirim, com pais e filhos, na tentativa, que lhe era tão cara, de aproximar as gerações.

3. O que há de particularmente grave no presente crime, além dos requintes de perversidade de que se revestiu (a vítima, entre outras sevícias, foi amarrada, enforcada, arrastada e recebeu 3 tiros na cabeça) é a certeza prática de que o atentado brutal se prende a uma série preestabelecida e objeto de ameaças e avisos.

4. Houve, primeiro, ameaças escritas em edifícios, acompanhadas, por vezes, de disparos de armas de fogo. O Giriquiti (sede da Cúria Arquidiocesana e do Secretariado Regional) foi alvejado. A residência do Arcebispo, na Igreja das Fronteiras, alvejada e pichada.

5. Vieram, depois, ameaças telefônicas com o anúncio de que já estavam escolhidas as próximas vítimas. A primeira foi o estudante Cândido Pinto de Melo, quartanista de Engenharia e Presidente da União dos Estudantes de Pernambuco. Acha-se inutilizado, com a medula seccionada. O segundo foi um jovem sacerdote, cujo crime exclusivo consistiu em exercer apostolado entre os estudantes.

6. Como cristãos e a exemplo de Cristo e do protomártir Santo Estêvão, pedimos a Deus perdão para os assassinos, repetindo a palavra do Mestre: "Eles não sabem o que fazem". Mas julgamo-nos no direito e no dever de erguer um clamor para que, ao menos, não prossiga o trabalho sinistro deste nôvo esquadrão da morte.

7. Que o holocausto de Pe. Antônio Henrique obtenha de Deus a graça da continuação do tra-

balho pelo qual doou a vida, e a conversão de seus algôzes.

Recife, 27 de maio de 1969.  
Hélder, Arcebispo de Olinda e Recife.

José Lamartine, Bispo Auxiliar e Vigário Geral.

Mons. Arnaldo Cabral de Souza, Vigário Episcopal.

Mons. Isnaldo Alves da Fonseca, Vigário Episcopal.

Mons. José Ernani Pinheiro, Vigário Episcopal.

### INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL

Aos 15 de maio, precisamente após dois meses de funcionamento do ano escolar, os alunos do Instituto Nacional de Pastoral foram convidados a fazer uma revisão sincera, leal, aberta, a fim de obviar os pontos positivos e apontar os negativos, dando sugestões para que o conjunto pudesse ser mais objetivamente satisfatório.

Apesar de não se poder dar um relatório completo, é útil divulgar algumas constatações.

1. Uma primeira constatação unânime foi a coerência do planejamento, que foi considerado satisfatório e altamente benéfico. O curso está dando uma visão da realidade do homem e do Brasil, desconhecida para muitos dos participantes. A teologia ensinada abre perspectivas de fé e insere esta realidade no Corpo da Igreja. As interrogações que suscita são um real apelo para uma conversão sincera e uma vida cristã mais autenticamente evangélica.

2. Há uma convergência de visão em todos para um único ponto: o homem em situação, assumido e inserido no mistério de Cristo. Esse núcleo central da teologia cristã é contemplado sob ângulos diversos: bíblico, histórico, à luz da fé, da ação litúrgica, pastoral, etc., mas sempre a mesma tônica — "Cristo Salvador e nossa participação no dinamismo pascal".

3. Quanto aos professores, ao lado de reivindicações legítimas como dicção, ritmo de desenvolvimento que acharam muito lento, às vezes, pedido de apostilas em tempo, etc. — há uma geral admiração. Os alunos afirmaram a competência dos mestres, em suas matérias, e julgaram-nos disponíveis e generosos no atendimento aos alunos. Os cursos foram considerados como satisfazendo as expectativas dos alunos, sobretudo no curso de fundamentação.

4. A respeito do relacionamento entre os alunos, e destes com a diretoria, a constatação de uma amizade que cresce, se aprofunda e enriquece a todos, foi unânime. Há um clima bom, sadio e que apela para um amadurecimento. A fim de auxiliar nesse processo de crescimento, sugeriram que um curso de *Dinâmica de Grupo* poderia facilitar a todos uma maior espontaneidade.

Feito o balanço após dois meses de aulas e reflexões comuns, o resultado é altamente positivo. Professores e alunos procuram intensificar seus esforços. Não são críticas que constroem, mas sugestões e colaboração.

Pe. Maucyr Gibin, SSS  
(Em "Nacionais Informam")

## IV CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE IMPRENSA

De 15 a 20 de julho realizar-se-á em São Paulo o *IV Congresso Latino-Americano Católico de Imprensa* promovido pela ULAPC (Unión Latino-Americana de Prensa Católica). O tema *Missão do Jornalista no Processo de Transformação da América Latina* será abordado em duas palestras ("A Imprensa a Serviço do Desenvolvimento") e, em seguida, nas vinte mesas-redondas previstas.

A Comissão organizadora local é composta de 10 membros, entre os quais Dom Paulo Evaristo Arns, bispo-auxiliar encarregado do setor de opinião pública na arquidiocese de São Paulo, padre Júlio Munaro, da CRB de São Paulo, e Maria Lúcia Sam-

paio Pinto, vice-presidente da ULAPC.

### MESAS-REDONDAS PREVISTAS:

1. Os controladores oficiais da informação
2. Os grupos de pressão social
3. As fontes de informação
4. A publicação da informação
5. Jornalistas em geral
6. Diretores de publicações
7. Escolas de Jornalismo
8. O Diário Católico
9. A imprensa juvenil e infantil
10. Jornalistas católicos
11. Jornalistas católicos na imprensa geral
12. A liberdade de informação na Igreja
13. O jornalista e a empresa de imprensa
14. A distribuição da informação
15. A explicação da informação
16. Informadores religiosos
17. Agências de notícias
18. O semanário diocesano
19. As revistas ilustradas
20. Revistas de cultura e doutrina

## VIDA FRATERNA E PROFISSIONAL

A Conferência dos Religiosos do Brasil está interessada em conhecer o andamento das diversas experiências que vêm sendo feitas nas comunidades religiosas. Objeto do maior interesse é a *vida fraterna* e, por isso, a CRB decidiu empreender um estudo de âmbito nacional sobre as "pequenas comunidades". Este trabalho será desenvolvido em diversas etapas:

- Visita, feita por elementos especialmente destacados, a todas as pequenas comunidades, com a finalidade de as conhecer concretamente, em seus diferentes aspectos.

- Elaboração de relatórios sobre as comunidades visitadas.

- Síntese dos relatórios, por região, de modo a se conseguir uma visão global.

- Envio dessas sínteses regionais à CRB-Nacional, que formará um grupo de estudos, visando proporcionar, com bases objetivas, uma idéia do desenrolar da experiência no Brasil.

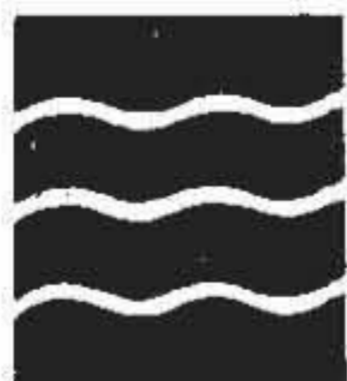
Além deste aspecto de vida fraterna, um outro ponto que vai ser objeto de estudo e reflexão teológica é o resultado da pesquisa que o CERIS realizou,

patrocinada pela CNBB, sobre a *religiosa diante das exigências de profissionalização*, no século XX. Esta pesquisa foi realizada apenas na Guanabara, coordenada por Maria Thereza Caiuby Crescenti e C. A. Medina.

Estes trabalhos, além de fornecer elementos objetivos para orientações futuras, tornarão possível uma presença da CRB naquelas zonas que, por serem experimentais, merecem a atenção do conjunto dos religiosos.



# JULIETA DOS ESPÍRITOS



## ARTES E TÉCNICAS

### FELLINI E SUA OBRA

Fellini é — ou devo dizer foi? — um dos maiores cineastas contemporâneos. Sua força de imaginação, seu talento pictórico, e a veemência com que acusa a corrupção e a degeneração de uma sociedade moderna o fazem um cineasta excepcional.

Depois de *La Dolce Vita* e *Oito e Meio*, foi-se tornando cada vez mais claro para o estudioso qual a direção em que Fellini desenvolveria sua obra. Fellini é pronunciadamente um moralista. E desconfia mesmo desta maneira como o homem está vivendo dentro da sociedade atual. Como aconteceu nos filmes anteriores, (*La Dolce Vita*, por exemplo), estas duas tendências de Fellini tinham que o levar longe na pesquisa da sociedade. Dê-se modo, êle transformou emocionalmente a realidade atual em uma irrealidade satírica. Ora, dentro desta irrealidade, foi possível dar um caráter monstruoso às situações da vida real, da vida diária. Foi possível expressar em imagens bizarras e caricaturais coisas abstratas, idéias e emoções.

No filme *Julieta dos Espíritos* Fellini volta para o símbolo dos

Lembranças da infância de Julieta ressurgem na sua imaginação adulta, sob forma de espíritos.

GUIDO LOGGER

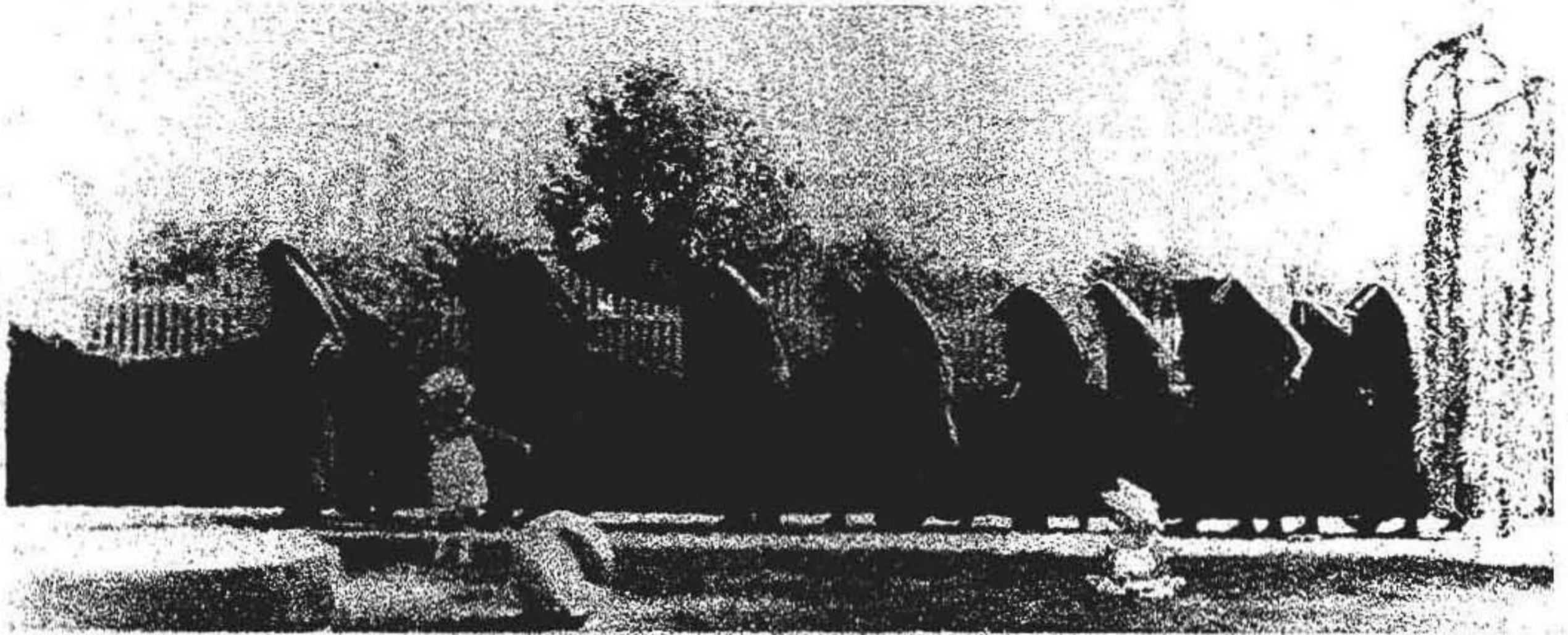
dias mais felizes de sua vida: Giulietta Massina. Dela, sua mulher, Fellini faz sua consciência viva, seu *medium* de filmes, esta obra de um homem sábio. E a ela, mulher um tanto bitolada, êle vai dando o conselho de procurar a independência, de resistir aos *espíritos* de sua educação e a seus traumas do passado. Existe uma ternura muito grande por Giulietta Massina, que aqui aparece com o rosto mais envelhecido, enfrentando o mundo delirante de Fellini.

Desde *Na Estrada da Vida* até *As Noites de Cabiria*, êle se apresentava menos complicado, menos frustrado. Mas *La Dolce Vita* o prendeu e o não soltou mais. E', sem dúvida alguma, a linha nítida de demarcação; em sua obra. Daí por diante, Fellini será o moralista e o homem que anseia por libertar-se da estrutura vigente, do seu passado católico, dos processos de produção cinematográfica, etc.

Assim, *Julieta dos Espíritos* é uma continuação. E' a mesma busca da liberdade.

### O ENREDO

A narrativa é a mais simples possível. Julieta é uma mulher



casada, simples e feliz até o dia em que descobre a infidelidade do marido. Entra, então, numa crise, procurando reconquistar o marido por todos os meios. Entra num mundo que lhe passou despercebido há muito tempo. Entra numa situação em que sonho e realidade se misturam. Quase sucumbe, mas consegue conjurar seus *espíritos* para reconciliar-se com a realidade. Seria pouco dizer que o filme projeta o processo psiquiátrico, ao qual se submete uma mulher que perdeu todas as suas certezas mas, no fim, reencontra seu equilíbrio e sua integridade numa base mais forte e sólida.

Os *espíritos* de Julieta são pessoas de carne e osso, e também quimeras. Ela se movimenta no mundo de parentes, amigos e conhecidos esquisitos. São todos uma espécie de loucos varridos. A mãe é uma criatura fria e altiva. A irmã é uma exaltada. Os demais vivem num ambiente mórbido e vazio, onde a mulher é simples objeto de prazer. Homens e mulheres, neste mundo, perdem sua personalidade, mostrando seu *espírito* na declamação de versos sem sentido.

Os outros *espíritos* são sonhos, recordações da infância e aluci-

nações que atormentam Julieta. E aqui está um ponto que decepcionou profundamente no filme: a falta de entrosamento da figura de Julieta com seus sonhos fantásticos e suas experiências estranhas num ambiente de sexomaníacos e neuróticos. A interpretação de Julieta é de tal maneira amorfa, que não me parece, um momento sequer, tocada pelos horrores que está passando. Julieta nunca se pôde desligar do seu primeiro papel meio chaplinesco de *Na Estrada da Vida*. Mas notem bem! Estou me referindo à interpretação de G. Massina e não à figura humana que representa uma mulher incapaz de participar da vida de uma cortesã, como lhe propõe uma amiga; uma mulher que não se sente atraída nem pelo profeta de Kamasutra, nem pelo ritual erótico egípcio, nem pela psicanálise moderna. O erro é que Fellini se concentrou de tal maneira no aspecto barroco e na sua imaginação demoníaca que se esqueceu da figura central.

Quanto ao aspecto barroco, Fellini se revela um mestre inigualável. Sua invenção e cores e os cenários são surpreendentes. É uma beleza caprichada e requin-

tada, êsse balé dos sete pecados capitais.

Objeto de sátira de Fellini é o espiritismo, é o vazio dos personagens que vivem com Julieta, é a atuação de um detetive cuja teleobjetiva destrói o mito da discreção, é enfim a religião deformada que aprendeu num colégio de freiras. A chave das experiências espíritas é um fato que se deu no colégio de Julieta. Numa peça teatral ela fez o papel de uma virgem-mártir que em uma grelha incandescente é alçada para o alto, enquanto passam as figuras negras de freiras. A sua visão de Deus é uma mistura de juiz severo e vovô bonachão — um ser misterioso. Seu mundo de angústias é povoado de cavalos e festas, de passeios com figuras grotescas e sedutoras Evas. A maçã e a serpente são lembradas várias vezes. É um mundo de circo e de música circense. E do tom alegre do começo vai pouco a pouco e sombriamente passando para a lama da vida mundana. Julieta conjura seus *espíritos*. Acaba sozinha e continua sorrindo. Mas será que ela está mesmo livre?

# ARTES E TÉCNICAS

## FELLINI, O MORALISTA

Nada melhor do que as próprias palavras de Fellini para dizer o que ele quis nos mostrar em seu filme:

"Principalmente para nós, italianos, o casamento é uma das experiências fundamentais. Desde crianças acostumamo-nos às histórias que acabam dizendo: *casaram-se e viveram felizes para sempre*. É um objetivo que nos põem na cabeça, com o qual nós todos, homens e mulheres, nos defrontamos inevitavelmente. É um ponto de chegada, e não de partida. É o fim, e não um começo. Ora, o erro de um certo tipo de educação está exatamente aqui: troca-se o primeiro capítulo de um livro pelo próprio epílogo. A maioria das pessoas chega ao casamento sem o menor preparo, porque o acontecimento em si é um mito contado de uma maneira inexata e enganadora. O resultado é uma síntese de desilusões, pensamentos trágicos, neuroses.

Nos meus filmes sempre falei de casamento, porque é uma das coisas que melhor conhecemos. Há algo de eterno, de necessário, na união de dois seres humanos. Mas da maneira como é encarado hoje em dia, o casamento é mais uma legalização, um reconhecimento de certas tendências obscuras. Resumindo: não acredito neste tipo de casamento tão superficial, e estou certo de que as ligações que ele deve estabelecer são muito mais profundas. Assim, nos meus filmes, procurei sempre alertar as pessoas para a degeneração, para o aspecto caricatural destas ligações que são as coisas mais incertas do mundo. Com efeito, o casamento é uma ligação profun-

damente pessoal, não pode ser regulado por padrões coletivos, por costumes impostos de fora, por tabus diversos. Deixar que as pessoas se casem tão facilmente deveria ser proibido por lei. Muitos de nós sucumbem passivamente às leis da natureza que foram deformadas pelo uso corrente. Muitos são engolidos e espremidos pelo casamento colocado como o objetivo mais alto e único. Enquanto isso, uma coisa vai ficando esquecida: tentar estabelecer uma verdadeira união. A intenção de *Julieta dos Espíritos* é restituir à mulher sua verdadeira independência, sua dignidade indisputável e inalienável. Um homem livre não pode viver sem mulher igualmente livre. A esposa não pode ser a madona, nem um instrumento de prazer, e muito menos uma serva. Se considerarmos uma esposa, nem que seja por breve momento, sob qualquer um destes aspectos, é preciso sabermos que não estamos falando de casamento, mas de outra coisa qualquer, e sempre para nosso próprio prejuízo.

Quando no fim do filme, Julieta se vê sôzinha, aquilo deveria significar a descoberta da individualidade. A coisa que ela mais temia, a partida do marido, acaba-se tornando um presente do céu. Julieta não dependerá mais da figura paterna do marido que, apesar de tudo, lhe enriqueceu a vida. E ela se sente agradecida a ele, como a todos e a tudo, mesmo aos mais temíveis inimigos, pois todos e tudo ajudaram-na no processo de libertação. A verdadeira vida de Julieta começa no fim, quando ela sai da sombra do marido".

# ADORADO JOHN

GUIDO LOGGER

O filme *Adorado John* dá-me a oportunidade para voltar ao romantismo. O filme é romântico, embora o seja de um modo diferente do *Longe dêste Insensato Mundo* comentado por mim em crítica anterior. Mais do que este, *Adorado John* apresenta o romantismo das belas imagens. Como existem palavras bonitas na literatura, assim também existem belas imagens no cinema. Não podemos certamente rejeitá-las sem mais nem menos, pois tudo depende sempre da maneira como são usadas. Um filme como *As Duas Faces da Felicidade*, de Agnès Varda, é um filme íntegro e equilibrado, tecido de belas imagens. Por meio destas, adquiriu a narrativa, por si materialista e sensual, algo de etéreo, de supranormal, como se numa história humana que se desenrola em tal ambiente, valessem outras normas sociais e éticas que não fôssem as de nossa vida concreta. No mundo imaginário, as normas dependem das circunstâncias especiais dos personagens, e o homem possui tendência a introduzir tudo em sua vida concreta. Contudo, essas normas subjetivas podem, às vezes, manifestar realidades tremendas. *As Duas Faces da Felicidade*, por exemplo, mostra claramente como a imoralidade oprime um outro ser humano até o limite do absurdo. O etéreo se transforma, então, em consciência culposa, destacando-se de uma maneira mais pungente ainda contra o fundo de belas imagens. É por



isso que eu digo sempre que Agnès Varda no seu filme imoral, é moralizante. Existe, entretanto, uma outra aplicação das belas imagens. É quando estão isoladas das coisas narradas. São linguagem de coisas bonitas. Podem ser literatice na literatura, e virtuosismo fotográfica no cinema. O nosso tempo usa termos duros, claros e objetivos raian-do por vèzes à vulgaridade e até à pornografia. Todavia, não faz muito tempo, os escritores procuravam descrever as coisas em termos impressionistas e belos. Era mais literatice do que a transmissão bem feita da realidade. É o caso de *Adorado John* que sofre em determinados momentos do virtuosismo fotográfico. John é o mestre de uma pequena embarcação costeira. Tendo abandonado a mulher que o traía, satisfaz-se com pequenas aventuras amorosas passageiras. No fundo, porém, deseja outra coisa e aquela outra coisa se apresenta na pessoa de uma garçõete, reservada nas suas ati-

tudes em relação com os homens, mas que se sente atraída por êle. Também ela fôra abandonada pelo pai de sua filha. O filme mostra, então, a contínua aproximação e afastamento que lhes revela mutuamente o próprio eu. Esta narrativa extremamente simples, humana e comovente é apresentada de uma maneira bastante original. Todos nós conhecemos o *flash-back*, a retrospectiva que nos mostra os personagens envolvidos em acontecimentos ou situações do passado, visando exatamente levar o espectador a compreender melhor a situação atual. O cineasta Lars Magnus Lindgren usa no seu filme não só *flash-backs*, mas também *flash-forwards*, se podemos assim dizer. O *flash-forwards* mostra o que ainda está por acontecer. Desta maneira, vemos algumas situações duas vèzes, uma quando acontece na realidade e outra quando é projetada no futuro. Algumas imagens aparecem até três vèzes, quando a mesma imagem serve ain-

da como *flash-back*. Quais as vantagens dêste processo?

1. As imagens são psicologicamente muito eficientes, porque a construção dramática é feita conforme a recordação do personagem e isto implica em uma apresentação desordenada dos fatos e das situações. Ninguém se lembra do passado em uma ordem perfeitamente cronológica.

2. Dá uma estrutura de unidade aos episódios apresentados e evita a perda de interêsse do espectador nos acontecimentos muito simples na vida dos dois. Os dois passeiam, nadam, fazem com a filhinha uma visita ao jardim zoológico de Copenhagen e naturalmente se amam. É uma história como existem milhares, mas uma história que pode emocionar pelo fascínio das pessoas que ali aparecem. Pessoas comuns ou extraordinárias, tanto faz! Mas assistindo ao filme, o espectador acaba tendo a impressão de testemunhar algo extraordinário composto de elementos superconhecidos. Ora, isto é o que acontece com o filme *Adorado John*. O espectador experimenta a força natural e irresistível da afeição que vai ligar definitivamente o casal que se torna por um momento o *casal único*. Um senão é que ao longo do filme o virtuosismo fotográfico começa a enfadar o espectador. As paisagens de preferência fotografadas à luz opaca do sol da meia-noite escandinava, os enquadramentos ultrabalanceados, desintegram muitas vèzes poeticamente uma realidade existente. Sem isto, o filme teria sido uma obra-prima de honestidade e fidelidade, tão bem interpretada por Karl Kulle e Cristina Schollin e a encantadora menina que, em nenhum momento, leva o espectador a pensar em melodrama — verdadeiro milagre considerando a história tão comum.





## ESTANTE DE LIVROS

### UMA NOVA TRADUÇÃO DOS SALMOS

“Rezar, rezar os salmos ou rezar o breviário?” O problema está aí. Muitos já não sentem mais a obrigação de recitar o breviário. Sentem, porém, a grave obrigação de rezar. Não é uma obrigação decorrente da lei imposta de fora, mas uma obrigação proveniente de uma necessidade vital. Sem oração não vai. O breviário, na sua forma tradicional, não vem satisfazendo esta exigência quase elementar que todos sentem. Procuram-se novos caminhos. As reformas do breviário e da liturgia demonstram esta procura. Redescobre-se o valor dos salmos como oração brotada da vida com Deus. Mas acontece que a tradução dos mesmos, em vez de trazer estas orações para dentro do horizonte da nossa vida, parece afastá-las mais ainda. Percebe-se claramente que traduzir os salmos é muito mais do que um simples transpor de palavras hebraicas para palavras portuguesas. A palavra humana não pode ser um empecilho, mas deve ser transparente. Traduzir os salmos implica no esforço de abrir um caminho através da linguagem, da cultura e das formas de viver até atingir a fonte donde brotaram e ainda devem brotar hoje os salmos, a saber, a vida humana, vivida como dom de Deus, vivida como tarefa que Deus nos deu.

Com o intuito de vir ao encontro desta necessidade que todos sentimos de uma oração que brote da vida, a Editôra Duas Cidades (S. Paulo) lançará em breve a tradução de setenta salmos. A finalidade desta tradução não é tornar conhecidas algumas

orações antigas. Ela parte da convicção de que os salmos são orações perenes, válidas também hoje. Nêles reencontramos as mesmas alegrias e tristezas, angústias e apreensões, certezas e dúvidas. Tôdas as experiências mais profundas da história dos homens possuem nêles forte ressonância. Esta tradução faz ver como os salmos brotam de uma vida, conscientizada pela revelação da presença de Deus. É exatamente, por isso, que êles podem abrir novos horizontes, e levar a viver nossa própria vida em uma profundidade maior. Mais do que nos consolar ou tranquilizar, os salmos nos questionam, nos desinstalam, nos enviam à procura das respostas aos grandes apelos de Deus e dos homens.

Nesta tradução, feita diretamente do hebraico, a preocupação central foi de fidelidade máxima ao espírito e à mensagem dos salmos, como também de fidelidade à nossa cultura e à nossa linguagem. Seríamos realmente infiéis ao espírito dos salmos, se, por uma fidelidade demasiado servil e rígida à letra, encobrissemos o rico patrimônio de experiência humana e os apelos fortes da mensagem divina nêles contidos. Com efeito, a inspiração divina da Sagrada Escritura não obriga exclusivamente à fidelidade à letra. Se cremos que a Bíblia é um livro inspirado por Deus, então ela surge como um fio condutor através do qual passam a força e a luz da sua palavra que vêm iluminar e transformar a nossa vida. De nada nos valeria a inspiração, se uma tradução servil da Escritura nos impedisse o contacto com a energia do fio condutor. A lâmpada da nossa vida ficaria apagada. Sendo linguagem humana, a luz e a força da palavra de Deus só se co-

municam através de uma expressão literária funcional e transparente.

Assim, pois, a linguagem desta tradução foi deliberadamente despojada de toda a espécie de semitismos e arcaísmos, que já não têm mais sentido em nossa língua. Procurou-se com a máxima fidelidade exprimir o conteúdo dos salmos em termos e expressões do uso diário. Omitiu-se a indicação dos versículos e adotou-se uma divisão em partes maiores que indicam a linha progressiva do pensamento. Um título sugestivo ajuda a encontrar o clima próprio de cada salmo. Alguns textos do Novo Testamento, antes de cada oração, facilitam a descoberta das dimensões cristãs dos salmos. Sem dúvida, as perspectivas que orientaram este esforço de tradução implicam sérios riscos. Por vezes, levaram a uma tomada de posição face a questões literárias ainda debatidas. Talvez, o bem que daí resulte seja maior do que o vazio deixado por uma tradução ambígua ou incompreensível.

Um duplo esquema acompanha a tradução. Um primeiro esquema distribui os 70 salmos sobre os 7 dias da semana, o que poderá servir de subsídio na recitação em comum: 3 salmos de manhã, 3 à tarde e 4 à noite. A escolha destes 70 salmos foi feita de tal maneira que todos os tipos de salmos estejam aí representados. Um segundo esquema salienta as diversas situações da vida humana, usadas pelo autor como material para a sua conversa íntima com Deus. São mais de 80 aspectos da vida que todos nós conhecemos quando procuramos viver a vida em profundidade. Este esquema poderá servir de subsídio para uma oração pessoal mais profunda e vivida.



“Permaneço em mim,  
como eu em vós” (Jo  
15,4).

“Se observardes os  
meus mandamentos,  
permanecereis no meu  
amor” (Jo 15,10).

---

# ESTANTE DE LIVROS

---

---

## EU ME AGARRO A TI, SENHOR!

"PERMANECEI EM MIM, COMO EU EM VÓS" (Jo 15,4)  
"SE OBSERVADES OS MEUS MANDAMENTOS, PERMANECEREIS NO MEU AMOR" (Jo 15,10).

Senhor, Tu és o meu Deus,  
há muito que te procuro com  
grande ansiedade.  
Como a terra sêca do sertão à  
espera da chuva,  
todo o meu ser anseia por ti,  
Senhor.  
Ah! se pudesse contemplar-te no  
teu santuário,  
e experimentar o teu poder e a  
tua glória...

Teu amor fiel me é mais caro  
que a própria vida.  
Por isso quero louvar-te,  
levantar para ti as minhas mãos,  
e bendizer o teu nome durante  
tôda a minha vida.

Tu enches o meu ser até à plenitude,  
fazendo aflorar aos meus lábios  
cantos de alegria.  
Até mesmo durante o meu repouso,  
está viva em mim a tua lembrança.  
Passo as noites pensando em ti.

Tens sido para mim um apoio.  
Quando experimento a tua proteção,  
sinto vontade de cantar de alegria.  
Eu me agarro a ti,  
e Tu me seguras com tuas mãos.

(Este salmo 62 é um exemplo da nova tradução).



LEIA

ASSINE



CONVERGÊNCIA

# CONVERGÊNCIA CONVERGÊNCIA



Amigo,  
Convergência publica,  
mensalmente, análises  
que buscam soluções  
reais, experiências que  
interessam a todos, aconte-  
cimentos da Igreja no  
mundo, críticas sobre  
filmes... Convergência  
está aberta a tôdas as  
sugestões que visem o  
bem dos homens e um  
cristianismo presente no  
dia de hoje. Assim, Con-  
vergência deseja crescer  
como um instrumento  
da Igreja no Brasil. Re-  
nove, pois, sua assina-  
tura e dê uma outra de  
presente a seu amigo.

# ESTANTE DE LIVROS

## PERTENCER À IGREJA

Este livro — que publica os trabalhos da Conferência Internacional de Sociologia Religiosa (Koenigstein, 1962) — é um dos trabalhos mais sérios e mais difíceis publicados no Brasil sobre o assunto. Analisa, em primeiro lugar, quais eram os critérios de pertença à Igreja nos tempos em que não se dispunha de instrumental científico para medi-la (período pré e paleoestatístico). A seguir, já nos tempos modernos, procura definir em termos estatísticos os critérios de pertença, fazendo uma amostragem de casos (Inglaterra e País de Gales), inclusive de algumas denominações protestantes.

Numa terceira parte, trata dos aspectos psicológicos que caracterizam o sentido da pertença: a ambigüidade dos sinais, a sobre-determinação das condutas pelo jôgo das motivações e das atitudes, a ambivalência e a identificação psíquica na pertença à Igreja, dando amostragem de pesquisas psicológicas realizadas em toda a Europa quanto a conhecimentos, condutas morais, motivações e atitudes. Encara a pertença à Igreja como problema sociológico, fornecendo um modelo de análise sistemática (que seria de todo importante e que pelo menos o CERIS ou a CNBB-CRB poderiam, talvez, aplicar ao Brasil).

Estuda, a seguir, a atitude de pertença e o modelo estrutural da Igreja em período de cristandade (como existe em certas regiões do nosso país) e também em uma sociedade leiga secularizada e pluralista. Faz ainda uma

sociologia da participação no culto como sinal de pertença, com séria base estatística; aborda, de maneira magistral, a mudança dos critérios de pertença numa sociedade em acelerada transformação, estudando, inclusive, a diminuição do número de membros filiados oficialmente.

Mas essa diminuição não significa necessariamente que os indivíduos deixem de sentir-se identificados com a Igreja, mas que essa identificação mudou de espécie. Por isso, logo o livro toca no delicado problema da comparação entre os critérios de pertença e a medida real da religiosidade. Numa última parte, o livro aborda as conseqüências pastorais dessa sociologia da pertença, dando algumas sugestões práticas de transformações da estrutura eclesiástica, especialmente no que se refere à paróquia, indicando uma pastoral de diálogo cultural entre as diversas classes sociais.

Finalizando, faz um apêlo para que se realizem pesquisas ou "análises dos tipos religiosos de regiões e sobretudo análises dos modos sócio-culturais que dividem o mundo em grandes áreas internacionais". Em outras palavras, uma análise global realizada por Organizações Internacionais (tais como o FERES) ou de várias nações em conjunto. O que estaria plenamente na linha do futuro, um futuro em que os limites nacionais devem ser abolidos, pelo menos, em termos de pesquisas.

A leitura deste livro, em que os maiores nomes da sociologia religiosa, tais como Houtart, Pin, Laloux, Isambert, Boulard e outros prestam sua colaboração, é absolutamente necessária a to-

dos aquêles que tenham alguma responsabilidade pastoral.

Nunca, como hoje, se necessitou tanto de instrumental científico, isto é, de elementos cada vez mais numerosos que permitam a necessária lucidez para discernir os problemas do presente e os caminhos do futuro. Este livro tem a seriedade e a comunicabilidade que o tornam um instrumento privilegiado de conscientização no plano pastoral.

R. M. M.

## O TESTE DO DESENHO COM O INSTRUMENTO DE DIAGNÓSTICO DA PERSONALIDADE

A autora Dinah Martins de Souza Campos nos cativa logo na *Introdução* ao precioso livrinho que recebemos. Despretensiosa, modesta, o tom simples perdura em todos os capítulos, o que não é fácil em trabalhos de tal natureza.

Na primeira parte, condensa em uma dúzia de páginas a história, a validade, a fidedignidade e a utilidade da prática dos testes projetivos. Ninguém mais duvida que a gagueira não seja um modo de falar; o sexo não é uma maneira de amar; os gestos, o desenho, as atitudes são um *estilo* de vida. Sempre, aliás, se soube disso. O dinamismo interno está intimamente ligado às vivências anteriores. "Por seus frutos os conhecereis; colhem-se uvas dos espinhos ou figos dos abrolhos?" (Mt 7,16). "Fala, para que te veja" (Sócrates). "O estilo é o homem" (Buffon). E

os provérbios populares que, às vezes, são perfeitos psicodiagnósticos? "Na mesa e no jogo se conhece o cavalheiro"; "Quem canta na mesa e no leito, doido perfeito"; "bêsta grande, cavalo de pau"; "queres conhecer o vilão? põe-lhe uma vara na mão", etc.

No entanto, já não basta esse julgamento "a olho"; o paciente trabalho de psicólogos experientes e educadores pacientes logrou objetivar metódicamente esse conhecimento, entrevendo e, às vezes, vendo perfeitamente nos traços do desenho, na escrita, nos gestos, nas expressões do rosto, nas atitudes exteriores, o modo de sentir, os impulsos desconhecidos, as necessidades e carências despercebidas e até os remorços inconfessados, os comprometimentos orgânicos e as falhas anímicas.

Na *segunda parte* a autora apresenta, com riqueza de detalhes, a bateria formada pelos cinco testes mais usados com as crianças: a casa, a árvore, uma pessoa do próprio sexo e outra do sexo oposto, o desenho da família e um outro de livre escolha. Quase nada escapa à argúcia da autora que, percebe-se, tem competência e *tarimba*.

Sugiro-lhe, apenas, que amplie um pouco mais a parte referente às côres, que aparece, no livro, demasiadamente sucinta, quando a psicodinâmica das côres está assumindo uma importância muito grande no diagnóstico e no tratamento de distúrbios psicogênicos e até somatógenos.

Parabéns à autora e que a coleção *Medicina e Psicologia*, da Editôra Vozes (Petrópolis, RJ), continue nos brindando com trabalhos úteis como este que inaugura a série.

P. B.

## A IGREJA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Este livro é a reunião do material produzido para o Congresso de Opinião Pública patrocinado pelos três órgãos do CELAM que se dedicam a este trabalho: ULAPC (União Latino-Americana de Periodistas Católicos), UNDA (Associação Latino-Americana de Rádio e Televisão Católica) e OCICSAL (Secretariado Católico Internacional de Cinema). Este congresso foi realizado em Lima em 1966. Finalidade: traçar linhas do que deveria ser uma pastoral da Igreja através dos meios de comunicação social.

Sua leitura, entretanto, deixa-nos frustrados. Embora haja alguns trabalhos de qualidade, como o do sociólogo padre Ozanam de Andrade (O homem latino-americano ante a comunicação social) e o do padre Pardinás (Análise dos comportamentos religioso-culturais do homem latino-americano), não se toca praticamente nas questões de fundo que tornam os meios de comunicação social um instrumento de absoluta originalidade não só para a pastoral do século XX, mas para a formação do homem em geral. O trabalho que deveria abordar essa parte (José Inácio Tôrres: a Igreja e os Meios de Comunicação Social) é de um tradicionalismo lamentável. As conclusões são uma espécie de "variação sobre o óbvio", sem apresentar nenhum caminho novo. Não se percebeu nem se me-

## O EVANGELHO DA JUSTIÇA

Paul Gauthier — NCr\$ 12,00

Podem as massas trabalhadoras, que constituem a maior parte da humanidade, esperar ainda alguma coisa dos cristãos? A Igreja terá condições de responder, pelo seu testemunho missionário, o grande apêlo desse mundo do trabalho? O livro do Pe. Gauthier, que vive e trabalha no meio dos pobres da Palestina, nos revela o seu depoimento valioso sobre tão sério e agudo problema. E' a partir destas experiências de base que poderemos esperar nascer uma autêntica Igreja dos Pobres.

Pedidos à



Editôra VOZES Limitada

Caixa Postal 23

Petrópolis RJ

diu até que ponto os meios de comunicação instantânea (eletrônica) estão modificando em profundidade a própria vida da Igreja pelo simples fato de estarem modificando em profundidade a própria vida do homem. Não se tocou nas correntes do pensamento mais modernas a esse respeito que vieram revolucionar os conceitos que temos da própria comunicação. Hoje os maiores cientistas sociais (Deutsch, Etzioni, Selznick) estão reformulando os grandes conceitos das ciências sociais, inclusive essas próprias ciências (sociologia, administração, economia, etc.), aplicando a elas o modelo cibernético, isto é, o modelo baseado na comunicação.

Creemos que a Igreja só teria a lucrar se os seus órgãos destinados aos trabalhos nos ou sobre os meios de comunicação social procurassem colocar-se a par desta revolução que está se processando tanto nas ciências sociais como nas estruturas a que elas se aplicam, neste último quartel do século vinte. Esta revolução está baseada na teoria da informação ("Sem comunicação não há organização" e tôdas as suas implicações matemáticas). Se a informação e a comunicação não forem convenientemente tratadas dentro de todos os tipos de organização ou estruturas, estas se mostram disfuncionais. E este tratamento implica a noção de *feedback* ou retroalimentação e circulação em todos os sentidos, o que dará um caráter de flexibilidade e autocorretividade às organizações e sociedades, até hoje desconhecido. Só isso permitirá às estruturas sócio-econômicas adaptarem-se à enorme velocidade histórica que estamos vivendo, sem tensões violentas.

## LIVROS E PUBLICAÇÕES RECEBIDOS

*Os Maiores Teólogos Respondem*, problemas de Bíblia, de fé e de moral, por uma série de autores. Apresentação de Dom Lafayette Álvares. — Edições Paulinas, S. Paulo 1968. 221 pp.

*O que Cristo quer de Nós*, por Bernhard Häring. Tradução de H. Dalbosco. — Edições Paulinas, São Paulo 1968. 241 pp.

"... *Eu, Porém, Vos Digo*", por Alexandre Pronzato. Tradução do Padre Ângelo Lucas Caravina. — Edições Paulinas, S. Paulo 1968. 468 pp.

*A Unidade dos Cristãos*, por Pierre Michalon. Tradução de Maria de Jesus Brito. — Edições Paulinas, São Paulo 1969. 156 pp.

*Alegria Humana e Alegria Cristã*, por Clément Dillenschneider. Tradução de Claudino Cella. — Edições Paulinas, São Paulo 1969. 180 pp.

*Contos Extraordinários*, por Ernest Hello. Tradução de E. Jacy Monteiro. — Edições Paulinas, São Paulo 1969, 275 pp.

*O Mistério de Cristo*, por Monsenhor Dr. M. Teixeira Leite. — Edições Paulinas, São Paulo 1968, 239 pp.

*Teria Deus Morrido?*, por René Laurentin. Tradução do Padre Costa Aguiar. — Edições Paulinas, São Paulo 1969. 114 pp.

*A Floresta dos Enforcados*, por Liviu Rebreanu. Tradução de Celestino Gomes e Vítor Buescu. — Edições Paulinas, São Paulo 1969. 314 pp.

*Dicionário Bíblico*, por Monsenhor Albert Vincent. Tradução das Monjas Beneditinas de Belo Horizonte. — Edições Paulinas, São Paulo 1969.

*O Novo Mandamento*, por Dom Bonifácio Wiehrmueller. Tradução do Padre Alípio R. Santiago de Oliveira. — Edições Paulinas, S. Paulo 1968. 253 pp.

*Iniciação à Política*, por Xavier la Bonnardière. Tradução de Boanerges Baccan. — Edições Paulinas, S. Paulo 1969. 235 pp.

*A Hora dos Leigos*, por Karel Vladimír Truhlar. Tradução de Atilio Cancian. — Edições Paulinas, São Paulo 1968. 121 pp.

*Para o Encontro das Religiões*, pelo Secretariado para os não-cristãos. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. — Editôra Vozes, Petrópolis 1969. 103 pp.

*Os Evangelhos da Infância*, pelo Cardeal Jean Daniélou. Tradução do Padre José Maria de Paiva. — Editôra Vozes, Petrópolis 1969. 84 pp.

*A Deficiência Motora em Pacientes com Paralisia Cerebral*, por Karel Bobath. Tradução do Dr. J. Pinto Duarte. — Editôra Vozes, Petrópolis 1969, 94 pp.

*Terra dos Jovens*, por Dom Ambrósio Bastos. — Editôra Vozes, Petrópolis 1969. 311 pp.

*China Vermelha Líder na América Latina?*, por Ottocar Rosarios. Tradução de Nestor Deola. — Editôra Vozes, Petrópolis 1969. 130 pp.

*América Latina: 20 Repúblicas, Uma Nação*, por Ottocar Rosarios. Tradução de Aluísio D. de Menezes. — Editôra Vozes, Petrópolis 1969. 227 pp.

# A VIDA RELIGIOSA NO BRASIL DE HOJE

texto-base da  
VIII Assembléia-Geral  
Da Conferência dos  
Religiosos do Brasil



Pedidos à  
CRB:

Av. Rio Branco, 123  
10.º andar - Rio (GB)

ou nas Agências Regionais  
da CRB

## A FUNDAMENTAÇÃO EVANGÉLICA DA VIDA RELIGIOSA

**CARLOS MESTERS**

Da comunidade do Carmo

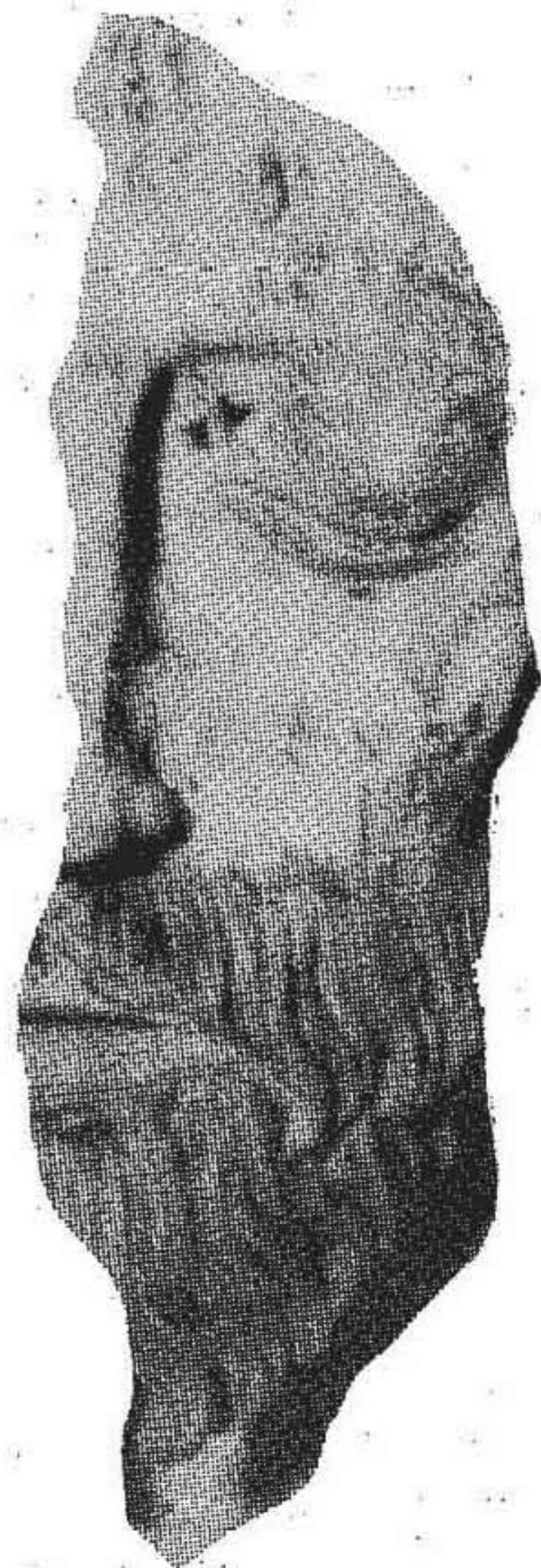
— de Belo Horizonte

---

Pedidos à CRB:

Av. Rio Branco, 123/10.º andar

Rio, GB





# aquí falam nossos leitores

«Vós é que sois nossa carta de recomendação, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. Sim, vós sois manifestamente uma carta de Cristo, redigida por nosso ministério e escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo».

2 Cor 3,2-3.

## SENHOR DIRETOR

Sou professor catequista, neste povoado, com 530 alunos sob minha direção, mas é bastante grande a dificuldade, por motivo de não possuir literatura adequada a meu trabalho.

Por esta razão, venho solicitar ao senhor que nos ajude, enviando-nos literatura que possa ajudar-me a desenvolver o trabalho de catequese em nossa Comunidade.

Na certeza de poder contar com sua generosa colaboração, subscrevo-me atenciosamente

Prof. José Ribamar de Souza.  
Catequista Popular.  
Povoado Caru — Viana, MA.

## PREZADO AMIGO

■ Algum material está sendo enviado pelo Correio.

■ Sugerimos também que o senhor procure entrar em contacto com os órgãos responsáveis pela catequese em sua região e com o Instituto Nacional de Pastoral, da CNBB.

## VIVÊNCIA FRATERNA

Meu agradecimento ao Irmão Miguel. Gostei muito do artigo que êle escreveu sobre a VIVÊNCIA FRATERNA (Convergência — N° 14). Este profundo artigo me fez um bem extraordinário. Faço votos que o mesmo tenha deixado uma semente de amor fraterno no coração de cada leitor.

Irmã Ana Izabel de Andrade  
Natal — RN.

## SENHOR DIRETOR

“Tudo o que eleva CONVERGÊNCIA...” (Teilhard de Chardin).

Estou remetendo o pagamento de meu débito contraído com a assinatura de *Convergência* que, a meu ver, está preenchendo um vazio editorial, pois esta revista vem criando laços e lançando pontes para todos os valores do mundo de hoje. Há uma alegria e uma esperança nos que a lêem. Parabenizo os colaboradores que, dentro dela, são semeadores da Palavra que pode salvar nossas vidas (Tgo 1,21). De fato, a Palavra de Deus precisa ser *aggiornata*... A mensagem é vida. E toda vida é uma experiência nova. Assim a retrata João em sua primeira carta 1-4. Muito obrigado pelo bem que ela me faz, a mim e ao povo daqui. Cada *Convergência* é um encontro de atualização. Deus lhes pague a todos. Sejam todos felizes.

Padre Hélio  
Tutóya.

## REVERENDO IRMÃO

Bom dia! A finalidade desta é dizer-lhe que gostei imensamente de sua revista, motivo pelo qual acabei de assiná-la, esperando encontrar nela uma orientação para minha vida cristã.

Já fui Religiosa; (...) levo uma vida decente diante de Deus e do próximo; (...), porém não sei mais em que acreditar.

Espero encontrar luzes e orientação através de sua revista.

A. S.  
Guanabara.